3
O contexto da influência européia na Educação Doméstica do Brasil de Oitocentos

Figura 6 – O Recreio: Jornal das Famílias, Lisboa, Julho de 1842.

Figura 7 – O Recreio: Jornal das Famílias, Lisboa, setembro de 1836.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

3.1
Diferentes contextos: Portugal, França e Inglaterra

Para a contextualização da educação doméstica no Brasil de Oitocentos, sugerida pela análise dos anúncios apresentados e encaminhada pelos exemplos literários, tornou-se necessário, ainda, remontar à origem dessa prática, às circunstâncias em que ocorria, aos principais personagens desse sistema reconhecido, verificando como ele resistiu e perdurou por tanto tempo, no cenário europeu, que exercia marcada influência sobre o Brasil no período estudado.

As respostas a essas questões implicaram a busca de vestígios em um tempo mais distante do que aquele primeiramente enfocado e em um espaço também

mais longínquo, ou seja, respectivamente, estendendo-se ao século XVIII e às metrópoles européias tomadas como referência cultural no Brasil. Apesar da ampliação de tempo e espaço, ambos tornaram-se muito próximos do objeto deste estudo, pois apresentam a gênese de nossa herança cultural em relações que se estabeleceram contraditórias, ambíguas e complexas, porém, sem dúvida, relações de identificação, afinidade e envolvimento, mesmo que, por vezes, pareçam de "hostilidade", "distanciamento" e "estranhamento"[1].

Dessa forma, revisei os registros da educação doméstica em publicações estrangeiras, entre elas, romances portugueses, memórias biográficas e autobiográficas francesas e pesquisas acerca da literatura inglesa da era Vitoriana.

A educação doméstica, na perspectiva da análise em uma amostra de cada um dos diferentes contextos como Portugal, França e Inglaterra, demonstra terem sido essas práticas, se não mais populares do que no Brasil, seguramente mais registradas.

Ao tratar da educação doméstica no contexto europeu, emerge a preceptoria como a categoria sobre a qual há mais relatos, entre as demais listadas anteriormente, e como uma prática efetiva e reconhecida de educação e instrução na Casa, de crianças e jovens, bem como uma atividade profissional aceita para homens e mulheres.

Dentre os registros analisados, pode-se afirmar que a preceptoria aparece como uma das principais estratégias utilizadas na educação doméstica européia, mesmo que, por vezes, a denominação recorrente dos sujeitos praticantes de tal ofício fosse outra, como governantes, tutores, aios, amos. No entanto, a descrição das circunstâncias, que envolviam tais práticas, permite categorizá-las como preceptoria, pois demonstram as características conceituadas como tal.

A preceptoria, como principal estratégia de educação doméstica das elites no contexto europeu, no período analisado, entre outros aspectos, se dá pelo fato de os preceptores terem sido, durante o século XIX, os grandes difusores e intérpretes das idéias "modernas" dos filósofos e pensadores. Seja pelo isolamento das cidades, mais ainda, das grandes propriedades territoriais, onde se situavam as mansões senhoriais, seja pelo excesso de riqueza e ostentação, contrastado com a extrema miséria dos preceptores, esses fatores favoreceram "violentas"

[1] Fernando A. Novais in ARRUDA, José Jobson & TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea.* Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

originalidades, entre as quais o desejo de influenciar aqueles que, no futuro, representariam a classe dominante. Dessa forma, "caprichos, genialidades e extravagâncias"[2] estiveram presentes na trajetória de alguns preceptores famosos:

> Alguns deles os gênios! Um Rousseau, um Hölderlin.(...) Preceptores que eram estudantes no passado, espíritos ardilosos e subversivos tiveram aqui e lá, durante o século XIX, uma elevada influência intelectual e social. Seus alunos, jovens privilegiados, na Alemanha e sobretudo na Rússia, perceberam melhor o drama da servidão e a aceleração da história das idéias, graças a jovens preceptores com destino famélico. Ainda que populistas, nihilistas, Proudhonistas ou Bakounistas, se abrigaram nas mansões longínquas, sob o alíbi e o ganha-pão do ensino. Eles exerceram sobre as mentes adolescentes a força nova das teorias revolucionárias, forçando mesmo a pesquisa dos acontecimentos patéticos de "intelligentsia". (DEROISIN, 1997, p. 129).

Segundo David (Apud ARAÚJO, 2000), as preceptoras, que ensinavam meninas e meninos nas casas de classe média e classe média-alta, já representavam um setor considerável no mundo do trabalho na Europa, no século XIX, contando acima de 30.000 pessoas empregadas nessa função, "o número deste tipo de empregos anunciados nos jornais diários, como o Times, na década de 1840, rondaria aproximadamente cem por dia" [3-4].

Na Inglaterra da era Vitoriana, David (Idem) aponta as difíceis condições de vida das preceptoras, como depois os contos e romances também testemunharão:

> A sua posição era contraditória, como Peterson (...) argumentou convincentemente: 'a preceptora era um testemunho do poder econômico dos pais da classe média Vitoriana, tal como os criados, as carruagens e as outras 'parafernálias da nobreza'. Mais ainda, 'a preceptora era também uma senhora dedicada ao lazer'. Daí o problema. Aquelas mulheres que tinham que procurar emprego como preceptoras, 'embora oriundas de meios da classe média, eram olhadas como falhadas dentro do sistema'. 'A sociedade considerou acertado definir que a mulher que trabalha para si perde a sua posição social' (ibidem). No entanto, como Peterson argumenta de seguida, 'a posição de preceptora parece ter sido apropriada porque, embora fosse um emprego assalariado, era realizado dentro de casa. A preceptora fazia algo que poderia fazer, em melhores circunstâncias como esposa. Evitava a posição indecorosa e imprópria para uma senhora de trabalhar no espaço público'. (Apud ARAÚJO, 2000, p. 118).

---

[2] DEROISIN, S. *Petites filles d'autrefois.* Paris: Api, 1997.

[3] ARAÚJO, H. C. *Pioneiras na educação, as professoras primárias na viragem do século 1870-1933.* Lisboa: Instituto de INOVAÇÃO educacional, IE, 2000.

[4] Observa-se que o número de anúncios é bastante superior ao registrado nos jornais da Corte brasileira, no mesmo período. Ressalta-se, no entanto, que a França e a Inglaterra eram consideradas os centros de civilidade a ser imitada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Como a educação dada pelos preceptores acontecia na Casa, pode-se afirmar que sua essência, localizada na esfera privada, favoreceu a feminização da educação doméstica, tendo em vista o grande número existente de preceptoras, que viviam na casa de seus pupilos. O próprio fato de habitar a casa dos patrões já tornava a condição da preceptoria mais apropriada às mulheres e preferencialmente às solteiras, de acordo com os padrões da época.

Além disso, essa era uma das poucas funções remunerada e socialmente aceita, mesmo na Europa, que podia ser exercida pela mulher até o século XIX.

Esse fato acabou também por dar os primeiros contornos às discussões políticas do Estado com relação ao magistério e à formulação de políticas educativas que captassem essas mulheres preceptoras como professoras para a escola estatal emergente:

> Assim, olhando para as preceptoras no 'espaço doméstico', procura estabelecer-se a relação entre a feminização do ensino e a divisão sexual do trabalho na 'esfera doméstica' onde as mulheres estavam encarregadas da educação de crianças. Foi provavelmente esse facto que inspirou o Estado na produção de políticas relacionadas sobre 'quem deveria sentar-se na cadeira do professor'. (ARAÚJO, 2000, p. 113).

Ao falar do cotidiano europeu dos preceptores na educação doméstica, especialmente das preceptoras mulheres, por serem mais freqüentemente referidas nas fontes, este estudo está também se reportando a duas categorias apresentadas por Araújo (2000) a de *esfera privada* e a de *esfera pública*.

A *esfera privada* é aquela que corresponde ao âmbito da Casa, enquanto a *esfera pública* será aquela para a qual os preceptores preparam seus discípulos, ou seja, o próprio mundo para além da Casa:

> Os problemas e tensões corporizados nos conceitos de esferas 'privada' e 'pública' estão diretamente relacionados com a ideologia das 'duas esferas separadas', das sociedades do século XIX, entendidas então como domínios especializados em termos de objectivos, processos, experiências e sentimentos. Por muito especializadas que fossem, não gozavam de um estatuto igual, já que a esfera privada/doméstica estava claramente subordinada ao domínio público. (p. 114).

Sendo a preceptoria uma atividade que acompanhava a transição da infância para o mundo adulto, acabava por se constituir em um elo de ligação entre a esfera privada doméstica e o domínio público, ou seja, a Casa e a sociedade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

O objetivo da Casa, na educação doméstica, através das preceptoras, era principalmente "assegurar uma posição estável no casamento", quando se tratava de filhas mulheres, e, ainda, prepará-las para que estivessem aptas a criar seus filhos, até mesmo educá-los, se esse fosse o desejo ou se as circunstâncias as obrigassem. Influenciava, também, na escolha das esposas, ter uma companheira de certo nível cultural para o marido e uma "boa gestora da casa". Ou seja, cabia às preceptoras preparar, na esfera privada, os requisitos necessários às mulheres no estatuto da esfera pública. Araújo (2000) aponta que:

> As filhas de Feliciana Montanha, uma viúva rica, proprietária de terras no norte, foram educadas por uma preceptora estrangeira, o que era entendido tanto como um bom investimento no mercado-do-casamento, como uma estratégia eficaz para atrair um tipo específico de homem, que consideraria esta forma de educação 'de forma nenhuma superficial' e adequada para moldar a sua futura companheira. (CAIEL in Genoveva Montanha, 1897, p. 120).

Na literatura portuguesa, como afirma Araújo (2000), constata-se que o modelo de preceptoria era amplamente aceito. O conto "A perceptora" (sic) de Maria Amália Vaz de Carvalho[5], publicado em 1905, e diversos romances da pedagoga e romancista Alice Pestana[6], que utilizava o pseudônimo de Caiel, indicam a presença de preceptores nas residências mais abastadas, bem como o seu cotidiano marcado por convenções sociais:

> Como já foi salientado, as raparigas da classe média e média-alta, na segunda metade do século XIX (e mesmo mais tarde), eram ensinadas por preceptoras **(a maioria mulheres estrangeiras)** com as quais aprendiam noções de **língua portuguesa, línguas estrangeiras, piano, história e geografia, aritmética e geometria.** (ARAÚJO, 2000, p. 118 – grifo meu)**.**

> Em muitos outros romances portugueses, a preceptora inglesa está presente, não como a personagem principal, mas como uma figura essencial nos contextos sociais das classes média e média-alta. Em Os Maias (1888), um dos romances mais famosos de Eça de Queiroz, a filha de Maria Eduarda, é educada por uma preceptora Inglesa, Miss Sara, que acompanha a família por todo o lado. (Idem, p. 119).

[5] Escritora portuguesa, Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), publicava regularmente artigos no jornal *Diário Popular* com o pseudônimo de Valentina de Lucena. Cf. VICENTE, Ana. *As mulheres portuguesas vistas por viajantes estrangeiros.* Lisboa: Gótica, 2001, p. 128.

[6] Escritora e pedagoga, Alice Pestana (1860-1929) tornou-se uma especialista em educação feminina, deslocando-se, por nomeação do governo português, à Inglaterra, Suíça e França, a fim de visitar estabelecimentos de ensino do sexo feminino naqueles países. Cf. VICENTE, Ana*, op. cit.,* p. 128-129.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

No romance de Eça de Queiroz (1945), Miss Sara, a preceptora inglesa de Rosa, filha de Maria Eduarda, foi escolhida pela representação característica das preceptoras inglesas: "as inglesas são tão exigentes!... Aquela, sobretudo, uma rapariga tão séria"[7]. No entanto, Miss Sara é surpreendida com um comportamento inusitado aos olhos de seu patrão, rompendo com a postura esperada de tal governanta:

> Numa dessas noites, de grande calor, Carlos, cansado, adormeceu no sofá; e só despertou, em sobressalto, quando o relógio na parede dava tristemente duas horas. (...) Agarrou o cajado, abalou, correndo pela estrada. Depois, ao abrir sutilmente o portão da quinta, pensou que Maria teria adormecido; *Niniche* podia ladrar; os seus passos, entre as acácias, abafaram-se, mais cautelosos. E de repente sentiu ao lado, sob as ramagens, vindo do chão, de entre a erva, um resfolgar ardente de homem, a que se misturavam beijos. Parou, varado; e o seu ímpeto logo foi esmagar a cacete aqueles dous animais, enroscados na relva, sujando brutalmente o poético retiro dos seus amores. Uma alvura de saia moveu-se no escuro: uma voz soluçava, desfalecida – *oh yes, oh yes*... Era a inglesa! Oh, Santo Deus, era a inglesa, era *miss* Sara! Apagando os passos, atordoado, Carlos escoou-se pelo portão, cerrou-o mansamente, foi esperar adiante num recanto do muro, sob as ramarias de uma faia, sumindo na sombra. E tremia de indignação. Era preciso contar imediatamente a Maria aquele grande *horror!* Não queria que ela consentisse um momento mais essa impura fêmea, junto de Rosa, roçando a candidez do seu anjo... Oh, era pavorosa uma tal hipocrisia, assim astuta e metódica, sem se desconcertar jamais! Havia dias apenas, vira a criatura desviar os olhos de uma gravura da *Ilustração*, onde dous castos pastores se beijavam num arvoredo bucólico! E agora rugia, estirada na relva! Na estrada escura, do lado do portão, brilhou um lume de cigarro. Um homem passou, forte e pesado, com uma manta nos ombros. Parecia um jornaleiro. A boa *miss* Sara não escolhera! Bem lavada, toda correta, com os seus bandós puritanos, aceitava *um qualquer*, rude e sujo, desde que era um macho! E assim os embaíra, meses, com aquelas suas duas existências, tão separadas, tão completas! De dia virginal, severa, corando sempre, com a Bíblia no cesto de costura; à noite a pequena adormecia, todos os seus deveres sérios acabavam, a santa transformava-se em cabra, xale aos ombros, e lá ia para a relva, com qualquer!... Que belo romance para o Ega! (p. 448-449).

Na mesma obra, *Os Maias,* Eça de Queiroz descreve ainda como o próprio Carlos, havia sido educado por um preceptor inglês, chamado de sr. Brown, cujos ensinamentos dados ao menino baseavam-se no desenvolvimento da "força e dos músculos"[8], contrariando o costume adotado naquela sociedade de se começar a educação pelo latim, no que era inteiramente apoiado pelo avô do menino Afonso da Maia.

[7] QUEIROZ, Eça de. *Os Maias.* Porto: Lello & Irmão – Editores, 1945, p. 446.
[8] Idem, p. 77.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

O avô, ao escolher um preceptor inglês e uma educação voltada para o desenvolvimento físico, pretendia afastar o neto do tipo de educação que tinha sido dada a Pedro, pai de Carlos, para o qual, estando a família morando em Londres, havia mandado vir de Lisboa o padre Vasques, capelão do Conde de Runa, que ensinou ao menino as "declinações latinas e sobretudo a cartilha":

> a face de Afonso da Maia cobria-se de tristeza, quando ao voltar de alguma caçada ou das ruas de Londres, de entre o forte rumor da vida livre – ouvia no quarto dos estudos a voz dormente do reverendo, perguntando como do fundo duma treva: _Quantos são os inimigos da alma? E o pequeno, mais dormente, lá ia murmurando: _Três. Mundo, Diabo e Carne... Pobre Pedrinho! Inimigo da sua alma só havia ali o reverendo Vasques, obeso e sórdido, arrotando do fundo da sua poltrona, com o lenço do rapé sobre o joelho... (Ibidem, p. 21-22).

Os ensinamentos do padre Vasques e o excessivo cuidado da mãe fizeram de Pedro um menino frágil e amedrontado. Pretendendo um destino melhor para o neto do que o de seu filho, Afonso da Maia estarrecia o abade que freqüentava a casa, para o qual o latim e os clássicos deviam ser as bases de todos os ensinamentos, aprovando inteiramente as idéias do preceptor inglês:

> _Prrimeiro músculo, músculo!... (sic). Afonso apoiava-o gravemente. O Brown estava na verdade. O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios duma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do Universo em que vive... (...) _A instrução para uma criança não é recitar Tityre, tu patulœ recubans... É saber factos, noções, coisas úteis, coisas práticas... (Ibidem, p. 77-78).

Dessa forma, os ensinamentos dados a Carlos da Maia pelo preceptor inglês distanciavam-se do que era comumente usado na educação de crianças das elites portuguesas na época, e a utilização da ginástica em detrimento da cartilha religiosa causava polêmica, como se constata na reflexão do Abade Custódio, exposta por Eça de Queiroz (1945):

> O bom homem achava horroroso que naquela idade um tão lindo moço, herdeiro duma casa tão grande, com futuras responsabilidades na sociedade, não soubesse a sua doutrina. E narrou logo ao Vilaça a historia de D. Cecília Macedo: esta virtuosa senhora, mulher do escrivão, tendo passado diante do portão da quinta, avistara o Carlinhos, chamara-o, carinhosa e amiga de crianças como era, e pedira-lhe que lhe dissesse o *acto de contrição*. E que respondeu o menino? *Que nunca em tal ouvira falar!* Estas coisas entristeciam. E o sr. Afonso da Maia achava-lhe graça, ria-se! (Ibidem, p.82).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Em Portugal, também os viajantes constataram a presença da educação doméstica através de preceptores, especialmente preceptoras mulheres, sobre as quais, os registros na literatura, bem como em outras fontes, já testemunhavam sua constante utilização, como assinala Juliette Adam[9], em 1896, no relato acerca das mulheres portuguesas:

> Eu afirmei que até D. João V as mulheres tinham estado submetidas à tirania do homem ciumento e déspota. Mas foi por pouco tempo que elas conseguiram fugir dessa tirania. Apenas há cinco ou seis anos é que as mulheres portuguesas de sociedade podem sair à rua, sozinhas ou acompanhadas de uma única pessoa. Até aí elas viviam encerradas, levando uma vida de família semelhante à vida conventual. A sua educação consistia em aprender um pouco de história, a santa sobretudo, a saber francês ou inglês, sobretudo o francês, a dedilhar convenientemente o piano, a dizer versos, a assimilar algumas fórmulas sobre os deveres das raparigas, e por aí ficavam. **Entre si completavam esta educação** e sonhavam com o amor romanesco, tal como, aliás, o julgavam pelo menos antes do casamento. (...) **A educação das meninas é feita por estrangeiras**. (...) **Os portugueses que não dão instrução a suas filhas no convento, têm, para as educar em casa, professoras francesas ou alemãs. (**p. 191-193 – grifo meu).

Entre as preceptoras estrangeiras, preferidas por representarem um símbolo de maior "status" social para as famílias, predominavam, além das inglesas, as alemãs e as francesas[10], caricaturadas por Sophie Deroisin (1997), no livro *Petites filles d'autrefois*:

> Que dizer da raça maldita, oportunamente desaparecida das governantas? Ao longo do século XIX até por volta da guerra de 1914, as crianças eram a prioridade única de inglesas lunáticas, alemãs impiedosas ou de francesas histéricas. Miss, Mademoiselle, Fraülein, rico cortejo de maníacas e de 'fantasmagóricas' - ou melhor, pobres criaturas sem competência, nem destino. Sadismo, crueldade parecem se desenvolver sem freio em volta das 'pobres meninas ricas'. De todas as delegações de poder esta é, sem dúvida, a mais odiosa que se pode reprovar nas mães do século passado. Ouvimos pouco falar das preceptoras, por vezes perversas ou por vezes incomparáveis por seu humanismo ou por sua energia política (...). (p. 129).

Contrariando Deroisin (1997), cuja representação das preceptoras é inegavelmente ruim, Araújo (2000) afirma que essas mulheres eram vistas como

[9] Juliette Adam foi uma dama francesa que viajou por Portugal e Espanha em meados da década de 90 de Oitocentos, posteriormente escrevendo, em 1896, *La Patrie Portugaise, Souvenirs Personnels,* citado por VICENTE, Ana. *As mulheres portuguesas vistas por viajantes estrangeiros*. Lisboa: Gótica, 2001.

[10] Segundo Araújo (2000) esta concepção estava relacionada à situação periférica dos demais países.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

contribuindo para uma educação mais racional e saudável das moças em um século que principiou a formação de novos códigos sociais. Entretanto, a mesma autora também reforça a avaliação negativa das atividades realizadas pelas preceptoras:

> É a falta de uma cultura reflexiva e de uma prática criativa que transparece nas palavras de Caiel (...) para caracterizar a qualidade do trabalho que desenvolvem. É possível que Caiel se estivesse a referir principalmente às preceptoras portuguesas, já que noutro romance se mostra preocupada com a necessidade de criar uma instituição para a formação de preceptoras (1892). As preceptoras estrangeiras, essas, são por vezes temidas, tanto por Caiel (...) como por Maria Amália Vaz de Carvalho (...), como constituindo uma ameaça à 'cultura nacional' dos lares da classe média. (p. 121).

Em alguns romances, a preceptora é lembrada com nostalgia e respeito, até por ser, provavelmente, a única pessoa com a qual as moças conversavam ou desfrutavam de alguma intimidade. O fato de serem estrangeiras, vindas de países considerados, à época, mais civilizados, dava-lhes uma certa credibilidade, no sentido de parecerem mais lúcidas e conhecedoras de inovações e tendências ainda não divulgadas, longe das metrópoles européias.

No entanto, são também numerosos os relatos, especialmente biográficos, de sadismo, perversidade e atitudes até de tortura a que eram submetidas às crianças, principalmente as crianças nobres, sob a guarda de preceptores, ou, ainda, das "governantas", que, nas famílias mais abastadas, eram aquelas que coordenavam a educação distribuída para vários preceptores.

> Caprichos, bizarrias dos patrões, dão o tom a todos em volta, aos serviçais e as crianças aterrorizadas. Neuropatias, certamente, que ninguém sabe reconhecer e resolver, repercutem, por seu turno, sobre as governantas cretinas ou loucas. Memórias de escritores, testemunhas vivas de antigas crianças, hoje com 70 a 90 anos: não há nenhum que não tenha reproduzido alguma história de atrocidade de crianças mais ou menos martirizadas. Sadismo que parece universal no século XIX, (...) seja de uma crueldade de todos os tempos, nos parece mais vivo pela proximidade de testemunhas. Se a dureza pode se explicar nas classes pobres pela miséria, penúria, a exiguidade de alojamentos, não se pode encontrar justificativa nas famílias da aristocracia onde o mais extremo rigor é constante. (DEROISIN, 1997, p. 130).

A imobilidade da "dureza" feminina, ao exercer a atividade da preceptoria, é uma constante nos relatos que atravessam todo o século XIX, na Europa, com práticas que não se alteram, sendo assinaladas em 1810, 1890, 1905 ou 1913, em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

depoimentos semelhantes. Entretanto, mesmo em número menor, também são constatadas histórias de admiração, gratidão e afeto, mostrando que o cotidiano de preceptores e seus alunos era perpassado tanto pelo temor, ódio, desprezo e melancolia como pelo amor, alegria e sabedoria.

As preceptoras tinham um encargo quase exclusivo sobre seus "pupilos". Deviam poupar toda a preocupação às mães. Segundo Deroisin (1997), os pais sabiam do que ocorria entre as crianças e suas preceptoras, mas, de alguma forma, todos os excessos eram justificados pela teoria inquestionável, à época, de que "as crianças são difíceis e são necessárias governantas e preceptores para educá-las, mas, sobretudo para torná-las grandes pessoas". As mães aprovavam as atitudes das governantas, acreditando tratar-se de "bons princípios pedagógicos", principalmente quando aplicados por experientes preceptoras estrangeiras. Dessa forma, as preceptoras eram soberanas na educação que aplicavam às crianças sob sua guarda. Segundo relatos das próprias governantas, não faziam mais do que aplicar estritamente as ordens recebidas, porém, tinham liberdade para agravá-las ou interpretá-las, baseando-se em suas conclusões, desconfianças ou elucubrações, pois passavam mais tempo com as crianças do que os pais e julgavam conhecê-las melhor.

> Seja aterrorrizadas por uma patroa aterrorizante, como a Condessa Catherine Rostopchine, seja elaborando elas mesmas funestas teorias educativas, as quais os pais ausentes, indiferentes ou preguiçosos aceitam singularmente, algumas exercem uma horrível mania de descarregar sobre as crianças suas frustrações vingando-se do que a vida não lhe deu. (Idem, p. 130).

As mulheres que exerciam a preceptoria estavam, quase sempre, situadas em uma classe social inferior a de seus empregadores, porém possuidoras de capital cultural adquirido através de uma educação esmerada, possivelmente em um passado mais abastado onde, por vezes, elas próprias haviam tido várias preceptoras. Em alguns casos, eram também moças nascidas de relações proibidas à sociedade da época, cujos pais esforçavam-se para que tivessem, ao menos, educação, já que não reconhecidas como filhas legítimas, não teriam direito a dotes ou herança. Nesse caso, encontra-se Martha de Vasconcellos, a preceptora portuguesa personagem central do conto de Carvalho (1905)[11]:

[11] CARVALHO, M. A. V. *Contos e Phantasias*. Lisboa: Livraria Editora, 1905.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> O pae, que a vinha ver muitas vezes à casa da senhora a quem na infância a confiara, disse-lhe um dia com o pejo a ruborisar-lhe as faces, com lagrimas a marejarem-lhe os olhos, que ella era uma filha natural, mas que tencionava reconhecê-la, regularisar a sua posição, dar-lhe todos os direitos que ella por tantissimos lados merecia. (...) O pae de Martha era casado, tinha filhos, vivia para sempre longe d'ella nas tranquillas alegrias da família, uma família em que ella só podia ser a intrusa! Desde esse dia Martha estudou com dobrado afinco, aprendeu com uma ânsia dolorosa, com um não sei quê de impaciência inexplicada. (p. 208-209).

O lugar social ocupado pelas preceptoras, nas famílias, demonstrava que esta função era considerada uma atribuição essencialmente doméstica. A história da preceptora, contada por Maria Amália Vaz de Carvalho (1905), revela a "mesquinhez do seu destino" e o "desdém quasi brutal de toda aquela gente que a cercava", quando participava das "soirées" que reuniam a sociedade. A sua presença, acompanhando a família nessas reuniões, e a forma como ela era tratada pelos demais denotavam a posição ocupada nesse universo: não era considerada um membro efetivo daquela comunidade social, mas também este era um lugar permitido a ela, como a preceptora da Casa.

Privava da intimidade da Casa, incluindo as ocasiões solenes, como escreve Carvalho (1905) acerca da preceptora Martha:

> A meio entendedor meia palavra basta; d'ahi a quatro mezes o commendador dava uma pequena soirée íntima, em que a menina Adriana, filha do Sr, Barão de X, e chegada havia dias do Sacré Coeur, era apresentada ao seu futuro noivo, o Sr. Julião Gonçalves. **Estavam só pessoas da família em casa do commendador. Elle, a mulher, as duas filhas, o filho e Martha.** Enquanto ao Barão, viera simplesmente acompanhado pela filha. (p. 215 – grifo meu).

Porém, sua participação nessas ocasiões não significava a aceitação de seu lugar como de relevância e sim, a apresentação de um luxo ou o cumprimento de um estatuto social: a existência de uma preceptora na Casa. Nesse sentido, Carvalho (Idem) descreve a forma como a filha do Barão dirigiu-se à Martha:

> Não se iguala nem se descreve o desdém com que ella cumprimentou Martha. Era uma vingança retrospectiva do que suas próprias mestras lhe haviam feito passar. Nos olhos azues de Martha passou um relâmpago de cólera fugitiva, mas não disse nada. O que havia ella de dizer àquela gente, que a considerava um traste ... bem pago? (p. 216).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Mesmo nessas ocasiões, a participação da preceptora também fazia parte de suas funções, à medida que era ela quem sentava ao piano e divertia os convidados:

> Tinha um modo dócil e meio risonho de sentar-se ao piano, e tocava uma noite inteira valsas, contradanças, lanceiros, que outras dançavam, na expansão de sua alegria burguesa. Nunca lhe perguntavam se estava cansada, nunca lhe davam a menor mostra de interesse ou de sympathia. **Pagavam-lhe integral e generosamente, tinham direito aos serviços correspondentes a essa remuneração**. (CARVALHO, ibidem, p. 204 – grifo meu).

A remuneração pelos serviços de preceptoria no contexto europeu, enquanto estes eram de uso exclusivo das elites, parece ter sido satisfatória para os padrões da classe que podia contratá-los, no entanto, era necessário que os préstimos e os talentos pessoais da preceptora correspondessem a essa remuneração. Ainda em Carvalho (Ibidem), vemos que as relações que se estabeleciam entre a preceptora e seus patrões era limitada ao cumprimento de suas tarefas, dando a idéia de uma convivência absolutamente profissional:

> As relações paravam aqui. Não sabiam que ella tinha uma alma, se essa alma se iria azedando a pouco e pouco ao contacto d'aquella indiferença cruel; não sabiam do seu passado senão que era honesto e puro, nunca pensavam no seu futuro senão vendo-a eternamente curvada ao pezo de um destino ingrato. (p. 204).

A sociedade européia burguesa da época concebia, como demonstração de riqueza e "fidalguia", possuir uma preceptora para os filhos, principalmente as filhas mulheres, como faziam as famílias tradicionais e nobres. Tal "moda" levou ao despropósito em algumas situações apresentadas, passando a ser considerada como atitude dos "novos ricos", cujo objetivo parecia ser, apenas, igualar-se aos hábitos da aristocracia. Algumas famílias, na tentativa de aproximar a educação de seus filhos à educação das crianças nobres, mantinham, além da preceptora chefe – uma espécie de governanta que coordenava toda a educação –, outros "preceptores adjuntos", responsáveis por matérias específicas a serem ensinadas.

A preceptora narrada por Carvalho (1905) é um exemplo típico da função, já que se encarregava da educação das duas filhas de um comendador português, cujo filho foi mandado estudar na Alemanha. As filhas, com 13 e 15 anos, foram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

retiradas de um convento, para que completassem sua educação com uma "mestra", cuja função era prepará-las à semelhança das meninas nobres: "Sabiam que a filha do Barão tocava piano, e queriam que suas filhas soubessem tocar muito melhor" (p. 205).

A programação a ser ensinada pelos preceptores, nesse contexto, era muito variada, pois acompanhava os conhecimentos da "moda", tidos como importantes, e os próprios saberes, tendências e gostos do preceptor.

As posturas e hábitos dos nobres eram copiados e admirados pelos demais, tornando-se o parâmetro do que devia ser ensinado às crianças pelas preceptoras. A concorrência entre saberes e "prendas", a serem adquiridos, dava o tom do que cabia aprender. Carvalho (Ibidem) conta que:

> Às vezes entravam no quarto de Martha e diziam-lhe num transporte de cólera: _Quero saber allemão. A Mariquinhas sabe allemão, enquanto eu não sei. _Quero aprender a bordar de matiz, a Julia fez um quadro que eu não sei fazer. Era assim que iam progredindo no estudo. Martha conformava-se docilmente às aspirações das discípulas: ensinava-lhes tudo o que sabia, mas o que ella de todo não pudera, era inocular-lhes a vida interior que animava e coordenava todos os seus conhecimentos adquiridos ou intuitivos. (p. 206-207).

Para atender às necessidades advindas dos gostos burgueses da sociedade européia da época, as preceptoras precisavam de uma formação bastante complexa, o que, provavelmente, como já assinalamos anteriormente, não haviam recebido para exercer a preceptoria, já que se tratavam, nesses casos, de moças de famílias abastadas, não legitimadas como tal, ou empobrecidas por diferentes circunstâncias, ou, ainda, filhas de religiosos "mestres" que haviam preparado sua educação. Seja pelas diferentes situações descritas, ou por outras, as preceptoras, de alguma maneira, viam-se na condição de ter que vender seus "saberes" em troca de salário e, às vezes, até de moradia. Por certo, essa não era uma função para a qual se preparassem ou almejassem, mas, ao contrário, algo até humilhante, a que se viam condenadas por um destino que não apresentava outra opção.

> Dizia-se que Martha conhecera melhores dias, afirmava-se mesmo que não fôra para servir de mestra a burguezinhas pretenciosas que seu pae, um pae extremoso, lhe adornara o espírito de todos os primores de uma educação excepcional. (CARVALHO, ibidem, p. 207).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Ao iniciar o romance *Madame Renan,* Caiel (1896), descrevendo os personagens, entre eles a mulher e a filha do sapateiro, uma estudante de "magistério", e as agruras por que passavam, faz falar o personagem Vasco, tentando encontrar uma solução para as dificuldades que cercavam aquelas mulheres e buscar perspectivas para a mais jovem: "Só se fosse modista ou caixeira... mas isso!... (...) Sempre o logar de professora tem outra representação..." (p. 11).

Ainda assim, essa representação era apenas melhor, se comparada à função de costureira ou vendedora, mas permanecia como ocupação para aquelas mulheres que, por "força de um destino infeliz", precisavam trabalhar fora de suas casas. Adiante Caiel (Idem) reforça essa posição:

> Mas nenhuma d'essas bondosas attenções impedia a pobre Miss Burke de se julgar sempre desconsiderada, recolhendo-se perpetuamente no seu ar timido e opprimido. (...) Vendo as mestras de outras famílias tratadas como simples creadas, Miss Burke sentia-se d'essa grosseria como se se tratasse d'ella própria. (p. 72).

Sendo a preceptoria uma forma de trabalho remunerado, aceito para as mulheres, também recorriam a ele, por conta das eventuais necessidades, as mulheres casadas cuja renda dos maridos não fosse suficiente para o sustento da família. Nesse caso, tratando-se da sociedade portuguesa, especialmente conservadora, as implicações eram ainda maiores, pois no estatuto social que permitia às moças solteiras empreenderem tais atividades, o mesmo não se dava com as mulheres casadas, para quem ministrar lições privadas de francês, inglês, alemão e piano, significava colocar o marido em situação constrangedora diante da sociedade. Essas circunstâncias foram bem retratadas por Caiel no romance *A vida por um prejuízo,* publicado em 1908, quando a mulher de um funcionário público pretende oferecer-se como preceptora:

> (...) Pelas cinco chagas que não tornasse a falar-lhe em semelhante despropósito (...) **Não estavam na Inglaterra ou nos Estados Unidos.** Viviam em Portugal: tinham que sujeitar-se a sua tradição, aos seus costumes (...) Que diriam os seus amigos se elle se sujeitasse a semelhante humilhação? Porque era sobre elle que principalmente cairia o odioso. E os parentes d'elle? E as suas relações de alta sociedade? Com que compungidas frases lamentariam o seu destino? O trabalho ainda era considerado em Portugal uma desgraça, uma escravidão para a mulher. E a mulher escrava perdia todo o prestígio. Com surpresa encontraria na rua conhecidos que voltariam a cabeça surrateiramente para a não cumprimentarem. (p. 22-23 – grifo meu).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Segundo Araújo (2000), a preceptora é "tipicamente uma mulher solteira, viúva", ou até casada, em situações extremas, "vinda da classe média empobrecida, alguém que é confrontada com dificuldades econômicas, em contraste com as condições materiais de que usufruiu na infância" (p. 123).

Pensando as preceptoras que vieram para o Brasil, como a mais conhecida delas, Ina von Binzer, que aqui chegou em 1881, contratada por uma família da Província do Rio de Janeiro, podemos dizer que outro estímulo ao exercício do preceptorado, além das vicissitudes já descritas, era o espírito aventureiro, o desejo de conhecer outras culturas, como bem demonstram os relatos dessa jovem professora no Brasil do século XIX. Ainda assim, pesava também o fato de exercerem uma profissão, o que não era apropriado às mulheres, melhor então, que acontecesse longe da sociedade européia da qual faziam parte.

No entanto, a instituição da preceptoria como reconhecida forma de educação, bastante difundida entre as elites européias, indica que havia muitas mulheres, a despeito das representações negativas, que dela se ocupavam.

Na análise dos relatos, o que também se depreende das representações acerca da preceptoria, é a incapacidade de algumas mães de ensinar devidamente, ao menos, às filhas mulheres. Pois, estando preparadas, elas próprias podiam optar por encarregar-se da educação dos filhos.

A idéia da mãe como mestra dos filhos foi bastante defendida na sociedade portuguesa por Caiel (1892), que, apesar de feminista, justifica, talvez, sua posição, por relatar, como escritora, o cotidiano, algumas vezes cruel e perverso, das crianças junto a suas preceptoras. Araújo (2000) afirma que Caiel foi "uma defensora determinada da missão da mãe como educadora e professora dentro de casa, não concordando com a idéia de uma preceptora preencher estas funções" (p. 125).

Quanto aos métodos e conteúdos ensinados pelos preceptores, principalmente nas casas mais abastadas, havia um constante exagero de exigências, que aumentava, à medida que também eram maiores as expectativas em relação às crianças ou jovens. Em algumas casas, os mestres eram tão numerosos que se sucediam de oito horas da manhã até oito horas da noite. Nenhuma surpresa se uma pequena criança de 11 anos respondesse em inglês ou francês a adultos quando solicitada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Algumas preceptoras, que atuaram nessas Casas, tinham mania enciclopédica, próxima do fanatismo, e, dessa forma, eram consideradas as mais preparadas. É o caso de Madame de Genlis[12], descrita por Deroisin (1997), cuja maneira de educar os três filhos do Duque d'Orléans, consistia em enclausurar-se com eles em um pavilhão do palácio, de onde suprimiu os brinquedos, as bonecas, as brincadeiras e os jogos, instaurando, em seu lugar, lições sem um instante de intervalo: leituras em voz alta, cursos de italiano, inglês, alemão, que se entremeavam ao latim, ao grego, a geometria e ao direito:

> Fazia as crianças dormirem no chão, às vezes sobre o assoalho e não lhes servia, senão alimentações infames, ao ponto de os preceptores adjuntos observarem que a saúde dos príncipes estava abalada. Ela obrigava o jovem Valois a colocar solas de chumbo nos seus sapatos ao longo de passeios, melhor ainda, fazê-lo atravessar cursos d'água até grotões ao fundo do parque, subindo para seu apartamento no segundo andar, colocando mochilas nas costas, 'para fortificar sua coluna vertebral'. Discípula exaltada de Rousseau, ela mantinha as crianças vestidas de tecido grosso, cavavam com a enxada e reviravam a terra (...) Valois era obrigado a tratar do jardim, assim como de um jardim similar de sua irmã Adelaide, que manobrava a pá com uma mão lânguida (...). Encontrava-se a geografia nas escadas, graças as cartas murais, a agricultura nos passeios, enquanto um botânico-farmacêutico designava as plantas medicinais; 'os imperadores romanos só paravam nos seus quartos de dormir'. Não se podia jamais perder um instante, 'nem jamais negligenciar o emprego dos pequenos momentos, dos minutos, dos segundos', dizia ela. Valois tornou-se carpinteiro, torneiro. Ele martelava, pregava, soldava, fazia de tudo um pouco, como a confecção de animais de crina, ou de caixas. Todos os trabalhos manuais, todos os conhecimentos eram acumulados misturados, sem discernimento, nem continuidade. (p. 132).

Com as crianças nobres, sem dúvida, eram cometidos os maiores excessos, de acordo com as perspectivas do que viriam a ser no futuro, já que o entendimento da época era de que o acúmulo e a diversidade de conhecimentos produziria adultos mais preparados. Alguns ensinamentos até pareciam interessantes e agradáveis, mas como constata Deroisin (Idem), a idéia inicial feliz tinha uma aplicação insuportável, "por um defeito de julgamento, o excesso maníaco". Ainda com relação à preceptora Madame de Genlis, a autora aponta:

[12] Felicite du Crest de Saint-Aubin (1746-1830) era filha de uma rica família de Borgonha, educada no castelo de Saint-Aubin, onde se dedica à literatura e à música, até que com a ruína de seu pai, casa aos dezesseis anos com o Marquês de Sillery. No círculo da aristocracia, em 1770, é dama da Duquesa de Chartres, que ao perceber sua capacidade literária e seus gostos educativos a faz preceptora dos seus filhos gêmeos e mais tarde o Duque confia-lhe a educação de seu filho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Grafonoma intransigente, ainda que sempre didática e incômoda, ela tentava moldar Valois (...), que ela sabia deveria tornar-se o chefe da Casa d'Orléans. O pobre adolescente era então objeto de suas lavagens cerebrais. (p. 132).

Frederica Sofia Guilhermina da Prússia, outra criança nobre entregue a "uma certa Letti", preceptora tida como muito talentosa, filha de um monge italiano, tempos depois, escreveria sobre sua infância ao lado de sua governanta: "Cada dia (...) era marcado por algum evento sinistro"(DEROISIN, ibidem).

A Imperatriz Maria Thereza da Áustria, mãe da desventurada Maria Antonieta, que pereceu no cadafalso levantado pela revolução francesa em 1793, estava tão convencida de que era necessário aplicar com rigor a educação doméstica, que escreveu uma carta com instruções, endereçada à preceptora de sua neta, de 6 anos:

> Minha boa d'Herzelles. A respeito das instrucções que me pede para a minha querida neta, só tenho a dizer-lhe: Que ao despertar deve ella começar por uma intima oração a Deus; Que em seguida se levante; Que se prepare, vista-se e almoce; tudo isto até 9 horas; Que consagre meia hora ao recreio, para depois a camareira explicar-lhe o *cathecismo* allemão e ler-lhe um capítulo de Royaumont. Meia hora de descanso, e em seguida lição de outra meia hora, de seu mestre de escripta. Poderá de novo brincar até as onze horas. A meia hora seguinte consagrará ao cônego Gurter. Das onze e meia ao meio dia, será permittido á archiduqueza a mais completa liberdade. Empregará no jantar meia hora, podendo depois recrear-se até 2 horas. Três quartos de hora para a lição de francez, se para tanto estiver disposta, seguindo-se recreio até ás 4. Das 4 ás 5, jogos de cartas, livros ou figuras próprias para fazel-a aprender phrases e vocábulos francezes. As 5 horas dansa emquanto não a aborrecer; depois algumas orações, para se ir habituando a invocar o Senhor. Até 7 horas recreio, ceia. As 8 vestuario de dormir, oração intima e cama. Quando o tempo permittir, as cousas se farão de modo que a archiduqueza possa dar um passeio de carro no inverno e a pé no verão. Taes são as direcções que julgo essenciaes, minha querida d'Herzelles, para o melhor desempenho de sua missão. Bem sabe o interesse que ligo a tal assumpto; espero, pois, que ponha o maior cuidado em auxiliar fructuosamente a exacta observação de minhas vistas. *Maria Thereza*. 24 de Outubro de 1767.[13]

A imperatriz acreditava que se deveria contrair cedo o hábito da "ordem" e da "regularidade" e que esse hábito é ainda mais útil aos príncipes, "que têm de lutar contra as seducções da grandeza". Para resistir a essas seduções, era necessário, desde a mais tenra idade, acostumar-se "ao trabalho, afim de não perder de vista o valor do tempo"[14].

[13] Cf. artigo publicado no jornal *A mãi de família. Jornal scientifico, litterario e illustrado.* Rio de Janeiro, 1880, ano II, n. 3, p. 18-19.
[14] Idem, Ibidem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

As revoluções burguesas mudavam os atores, mas não alteravam, significativamente, os costumes. Conta Deroisin (1997), que, durante o Segundo Império Francês, no reinado de Napoleão III, na casa de um prefeito, as "senhoritas" eram ensinadas por uma professora chamada Madame Perrochel "rude e austera que nunca deixava deter-se por um traço de delicadeza ou simpatia". Escreveria, mais tarde, uma de suas alunas:

> Quando a pobre Helena chegou para a aula penteada à moda chinesa, com os cabelos bem lisos, ela lhe disse: _Oh! Minha criança, como você está com o ar odioso... E ela a fez colocar-se de joelhos para humilhar seu orgulho... (...) (ela tinha dez anos). (p. 133).

A Condessa Hedwige d'Ursel escreveu, em 1907, que sua preceptora punia alguma "má ação" que tivesse cometido, decretando que seus pássaros favoritos deveriam morrer de fome: "Adoráveis pequenos bengalis vermelhos cuja vivacidade agradava-me nas longas horas de aula, ela matou-os de sede e de fome... (...), enquanto me olhava, de soslaio, com um malvado sorriso" (Apud DEROISIN, 1997, p. 134).

De acordo com vários relatos, as preceptoras inglesas parecem ter sido as mais temidas, o que também pode indicar serem as mais severas. No entanto, não apenas elas, mas a grande maioria das preceptoras utilizava como prática de correção, os castigos físicos, sendo alguns inusitados, como, por exemplo, jogar castiçais na cabeça das crianças quando estavam distraídas nas aulas, deixá-las sem meias ou sapatos num frio próximo de 20 graus negativos, ou encostadas a um muro branco sob o sol de 40 graus. Ainda era comum, a escrita por 25, 30, 100 vezes, da falta que não devia ser cometida. As crianças, normalmente, não reclamavam com seus pais, temendo que seu martírio fosse aumentado, pois havia propensão muito maior a ouvir as preceptoras.

Apesar de essas práticas parecerem exageradamente cruéis, segundo Deroisin (Ibidem), há testemunhas universais de que eram freqüentes, tendo-se, como exceção, bondade e competência pedagógica.

Como não havia um método de ensino ou estudos para esse fim, cada preceptor exercia suas funções de acordo com sua "competência", talento, ou suas capacidades pessoais. As meninas aprendiam, ainda, a costurar, fazer bainha, pregar botões, tecer enxovais de bebês para serem doados, recitar de cor pedaços

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

do evangelho, obrigações e posturas sociais diante dos adultos, responder a cartas, entre outras coisas. Porém, não aprendiam a cozinhar, nem práticas relacionadas a esse fim, uma vez que esses afazeres eram realizados pelos serviçais. Quanto às questões sexuais, nada era dito, a não ser antes de partirem para a viagem de núpcias, quando era recomendado, apenas, que fizessem tudo o que os maridos pedissem.

Cada preceptora agia com seus discípulos, a partir das habilidades e aptidões que possuía:

> Penetrara no espírito d'ellas, comprehendera o genio especial de cada uma, sabia de cór e escolhia principalmente os poetas que synthetisam uma nacionalidade ou uma civilização. Tinham-lhe ensinado a raciocinar, a pensar, a estudar a fundo todos os problemas em que outras mulheres tocam sómente ao de leve. (CARVALHO, 1905, p. 207).

Provavelmente, havia, também, o contato de preceptoras mais velhas com as mais jovens, constituído de transmissão de experiências e ensinamentos. Araújo (2000) apresenta no romance *O Salústio Nogueira,* de Teixeira de Queirós, publicado em 1909, uma preceptora mais velha que aconselha a jovem a manter-se a uma certa distância de suas alunas, não aceitando convites para comer em suas casas, a fim de que não usem deste expediente para não lhe pagarem o salário, ao que a jovem responde-lhe: "Pois não tenham luxo, pois não mandem as filhas aprender piano. Quem não póde, faz das filhas cozinheiras, não lhes manda ensinar prendas!" (p. 64).

No que se refere à educação das crianças e jovens meninas, os romances europeus do século XIX estão impregnados de figuras de preceptores, especialmente preceptoras, sendo essas referências em número muito superior àquelas que falam da escola instituída. Provavelmente, essa escolha de personagens se dava tanto pelo número de preceptores existente, bem superior ao número de professores das escolas instituídas, quanto pelas representações ideológicas das classes médias burguesas, que se constituíam nos leitores e personagens de que tratavam os romances, para quem a situação da mulher, atuando na "esfera doméstica", era "melhor" do que a da professora assalariada, que precisava trabalhar fora do lar. Segundo Araújo (2000):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Por que havia tão poucas professoras como personagens principais nos romances deste período? Esta ausência pode estar relacionada com as condições sociais e ideológicas em que os escritores produziam os seus trabalhos: a sua sobrevivência estava dependente dos interesses de leitores mais interessados em histórias de amor românticas, do que no complexo mundo do trabalho. Além disso, a professora primária carregava consigo o 'estigma' de ter de trabalhar para sobreviver, sendo percepcionada como uma mulher independente, uma ideia que se posicionava contra os ideais de feminilidade largamente aceites naquele tempo. (p. 126).

A Tese de Doutoramento intitulada *Sombra errante: a preceptora na narrativa inglesa do século XIX,* apresentada por Maria Conceição Monteiro e aprovada em abril de 1998, traz inúmeras contribuições ao estudo da preceptoria como uma das formas reconhecidas de educação doméstica, principalmente, aquela mais utilizada pelas classes abastadas na Inglaterra, para a educação de seus filhos.

Ao apresentar as preceptoras, reveladas como personagens literários, a autora demonstra o quanto a prática da preceptoria era recorrente na primeira metade do século XIX, na Inglaterra Vitoriana, bem como as concepções, conceitos e preconceitos que a envolviam, desde a condição feminina de mãe e esposa, confrontada com a da mulher que trabalha em outra casa, até o cotidiano perpassado por inúmeras marcas sociais.

Segundo a autora, a preceptora foi, no século XIX, um dos atores sociais mais representados na literatura inglesa, tanto como boas mestras, mulheres de vanguarda, moças independentes ou frágeis e melancólicas, até vilãs e assassinas, ou, simplesmente, comparadas às loucas e às prostitutas.

No estudo realizado, Monteiro (1998) destaca três designações acerca do termo preceptora:

> Em meados do século XIX, na Inglaterra, o termo 'preceptora' podia ser usado para designar três diferentes funções desempenhadas pela mulher. Assim, nomeava a mulher que trabalhava numa escola, aquela que morava na sua casa e deslocava-se para a residência do patrão a fim de lecionar – conhecida como 'preceptora diarista', e, finalmente, a mulher que habitava a casa do patrão, dando aulas para os seus filhos e fazendo-lhes companhia. Esta última, às vezes chamada de 'preceptora particular', é que constitui o nosso objetivo de estudo. (p. 16).

Ao apresentar a preceptora na literatura Vitoriana, Monteiro (Idem) utiliza também como sujeitos de sua investigação "as governantas", ou seja, aquelas que, provavelmente, teriam tido, nos lares ingleses daquela época, a função da preceptoria. A autora utiliza como sinônimos, durante o trabalho, os termos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

preceptora e governanta sem distinções muito claras entre eles. Cabe a sua explicação quanto a essa utilização[15]:

> A preceptora, que foi empregada pela elite Vitoriana, para 'governar' (como governess, portanto) – significante que aqui espelha o significado de comandar o curso dos eventos dentro de um ambiente doméstico limitado –, tem, todavia, que aprender o governar-se a si própria, governar no espaço público o seu desejo privado. (p. 21).

A preceptoria, retratada na Inglaterra do século XIX, era um trabalho reconhecido e remunerado, apesar de gozar de baixo status social, constituindo uma das poucas opções para moças pobres e órfãs.

Não desconsiderando que a educação doméstica já era praticada nas famílias nobres há vários séculos, pode-se reiterar que essas preceptoras do século XIX são as primeiras educadoras "oficialmente" instituídas, que tornaram o seu "fazer" uma "atividade profissional" remunerada, representando a abertura do mercado de trabalho intelectual à ocupação feminina, atendendo as "novas" necessidades de educação que se apresentavam com a burguesia européia ascendente.

O preço a ser pago a uma preceptora, na Inglaterra Vitoriana, era de difícil conotação, porque não havia parâmetros de trabalho feminino de natureza semelhante. A mulher, até então, era paga por trabalhos manuais, ou pela exploração de seu próprio corpo, tornando-se difícil estabelecer o valor de seu trabalho intelectual. No entanto, a princípio, a preceptoria era um trabalho bem remunerado, cuja desvalorização acontece no momento em que se generaliza a função, ou mesmo se começa a ter receio da presença maior desse "lugar" ou "emprego" para mulher, ameaçando a condição feminina de não trabalhar e mover-se apenas no espaço de sua própria casa.

Como Araújo (2000), Monteiro (Ibidem) localiza, na preceptoria inglesa, questões semelhantes quanto ao fato de a mulher trabalhar fora da sua esfera privada:

> O próprio fato de a preceptora sair de casa, ou seja, o seu deslocamento espacial, torna-se uma ameaça tanto à esfera pública (domínio generizado do masculino) quanto à privada (domínio do feminino). O termo domínio, ligado ao latim dominus (senhor) e domus (casa), acumula em si muitos significados: dominação, autoridade, poder, colônia. (FERREIRA apud MONTEIRO, p. 18).

[15] No Brasil, também, é possível verificar essa influência em alguns anúncios, nos quais é utilizado o termo "governanta" para designar mulheres que se candidatavam a ensinar nas Casas, principalmente quando se tratavam de francesas ou inglesas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

A princípio, controlada pelo outro, a preceptora vai negando esse controle, passando ela própria a exercê-lo, ou seja, apesar de sob o "dominus domus", ela pode libertar-se dele e tem autonomia para fazê-lo, abalando as relações estabelecidas, até então, entre o senhor e as mulheres do seu "domus". A liberdade das preceptoras era limitada pela necessidade de trabalho, diferente das outras mulheres, cerceadas pelas relações de parentesco, pelas conveniências sociais e pelas expectativas do cumprimento de suas funções de mãe e esposa.

No entanto, a preceptora era mais prisioneira e "imóvel" que os outros empregados da casa, provavelmente, porque sua condição social e sua formação, nos padrões da elite burguesa, a impediam de que, como a cozinheira, procurasse outros empregos, barganhando ou simplesmente tratando do salário com o patrão. Esses não eram "procedimentos comuns a uma senhorita".

Nem ela exercia os papéis formais destinados à mulher, nem podia disputar um lugar no universo masculino, a sua condição era intermediária e, portanto, não caracterizava um lugar social reconhecido, levando-a à exclusão, ou, simplesmente, ao ócio social. Como outras categorias marginalizadas e sem espaço social definido, as preceptoras são vistas "sob suspeita": "Cabe, ainda, examinar a associação da preceptora, mulher que busca a independência, às figuras da louca e da prostituta, ou seja, a outros seres fronteiriços" (Ibidem, p. 20).

A era Vitoriana, marcada pela repressão à sexualidade, fazia com que as preceptoras fossem questionadas quanto ao lugar que ocupariam na sociedade, estabelecendo-se as possibilidades e os limites aceitos para uma mulher que, não estando na sua própria casa desempenhando as funções de mãe e de esposa, se deslocaria e teria outra ocupação. Saber se esse deslocamento não oferecia "perigo" à ordem estabelecida, principalmente no que dizia respeito à condição sexual da mulher, era uma das principais discussões quanto a essa função. Por isso, a preocupação na literatura inglesa, acerca das preceptoras, durante a era Vitoriana, girava em torno da sexualidade, chegando a se tecer parâmetros de comparação e distinção entre preceptoras, mulheres loucas e prostitutas.

Associá-las às loucas ou às prostitutas era uma forma de categorizar mulheres que fugiam ao padrão feminino da época. Como as loucas, elas eram diferentes e diferentes, também, como as prostitutas, que vendiam seus serviços,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

porém, mais diferentes ainda porque não se tratavam de serviços do corpo ou de costuras, mas de um serviço intelectual.

Segundo Monteiro (Ibidem), a preceptoria "ressurge" com força, na Inglaterra, no século XIX, como um diferencial social. Também lá possuir um preceptor fazia com que a família adquirisse um dos estatutos de nobreza. A prática comum aos nobres será claramente incorporada pelos "novos ricos" provenientes do capitalismo emergente:

> Já presente na vida da aristocracia britânica desde o período medieval, a preceptora ingressa nos fins do século XVIII, no seio das famílias de uma crescente e abastada classe média, reflexo da virulência e da força econômica de um emergente capitalismo industrial, alavancado pela energia farta do carvão e pela brutal exploração da classe operária. Em busca de prestígio e poder, os membros da nova burguesia enriquecida procuraram incorporar ao seu modus vivendi costumes e tradições da cultura aristocrática. (p. 23).

A educação oferecida por essas preceptoras estava de acordo com os valores majoritários da época. Monteiro (Ibidem) nos diz que:

> Assim, removida do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de "boa família" recebessem uma educação ou (i)lustração destinada apenas a faze-las reluzir nas salas de visita e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente. Tratava-se, em suma, de uma educação preocupada, ambiguamente, em entronizar a mulher como rainha do lar e, ao mesmo tempo torná-la escrava do senhor; vale dizer, construir uma personalidade em que se associavam e se alternavam os papéis de mãe respeitada, autoritária, dominadora e esposa fiel, submissa e recatada. (p. 27).

A idéia de estabelecer limites à mulher, quanto a sua formação intelectual, aliada ao status social de ter um preceptor próprio e o medo de enviar as filhas mulheres para as escolas femininas existentes, onde poderiam "adquirir maus hábitos", abalando a castidade necessária ao casamento, colaboraram na ampliação dos empregos de "preceptoras", tendo em vista a necessidade de que as mulheres possuíssem algumas aprendizagens permitidas socialmente. Monteiro (Ibidem) relata, ainda:

> Tais receios geraram tensão no início do século XIX. Tendo em vista o reconhecimento cada vez maior de que o poder moral e social da mulher estava associado à esfera doméstica**, tornou-se claro que o único espaço satisfatório para a educação feminina era o lar.** Entretanto, as mães da alta burguesia, como já foi dito, não queriam ou não podiam assumir a tarefa de educar os próprios filhos. Conforme noticiam periódicos da época, as mães que tinham apenas lido bíblias e livros de receitas estavam despreparadas para assumir tal responsabilidade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> (...). A aristocracia tinha, há muito, resolvido o problema de poupar a senhora-mãe das obrigações pedagógicas, contratando os serviços de uma professora residente. (HUGHES apud MONTEIRO, p. 28 – grifo meu).

Dessa forma, na Inglaterra Vitoriana, constata-se que a educação doméstica prolifera, concorrendo com outros empregos existentes na época, que começavam a admitir mulheres, principalmente na indústria.

A preceptoria era tão comum, que autores da época, preocupados com sua situação, por vezes conflitante dentro da casa, sugeriam normas de comportamento para essas mulheres no desempenho de suas funções, como descreve Monteiro (Ibidem):

> A autora de "Governesses in Families" sugere às preceptoras as seguintes normas de comportamento: se não for da família, manter-se fora dos seus interesses e afeto, pois a presença de uma terceira pessoa é sempre incômoda; por ser uma empregada, mostrar que conhece o seu lugar; como não é visita, não esperar que lhe sejam concedidos privilégios; como não é a senhora da casa, obedecer às ordens e mostrar deferência nos modos e palavras, o que poderá ser difícil para um espírito orgulhoso e independente. Segundo Sewell, se esses preceitos forem desrespeitados, a preceptora tornar-se-á um ser infeliz e, por isso, culpada pela família de todos os problemas que surgirem em relação aos seus pupilos. Entretanto, se segui-los, sua vida será bem mais agradável, e todos se sentirão gratos e confortáveis na sua presença. (p. 29).

Tornando-se uma atividade imprescindível às famílias, surgem instituições especializadas na formação de preceptoras, principalmente como oportunidade para as meninas pobres e órfãs:

> Com isso, aumentou o número de preceptoras, gerando competição e achatamento de salário, que já era baixo (entre 30 a 40 libras por ano). Com o enorme número de mulheres buscando trabalho, o patrão podia barganhar o salário. Mesmo quando conseguia remuneração melhor, estava sempre fora da esfera dos confortos da classe média. Pensando nisso é que Sarah Lewis, em seu artigo no Fraser's magazine, endossou a iniciativa da Governess' Benevolent Institution, instituição de caridade fundada em 1843, em fazer do Queen's College (1848) um estabelecimento especializado na formação de preceptoras, fornecendo-lhes uma adequada qualificação para que pudessem reivindicar salários menos aviltantes. (LEWIS apud MONTEIRO, p. 33).

Pouco a pouco, a educação dada por preceptoras vai tornando-se um hábito e empregá-las deixa de ser uma exclusividade das classes mais abastadas, espalhando-se pelos lares mais modestos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Em pequenas paróquias, as mães também queriam para as suas filhas uma boa educação. As mulheres de boticários e de advogados que viviam no campo queriam dar às suas filhas algumas migalhas do conhecimento oferecido às filhas de pacientes e clientes ricos. Cada moça deveria estudar com afinco a valsa, borrar um pedaço de papel e tagarelar em péssimo francês. Para isto, elas precisavam de uma preceptora. (Fraser's Magazine, 1844, p. 582, apud MONTEIRO, p. 36).

No entanto, esse movimento é contestado e algumas experiências desagradáveis com preceptoras-governantas levam ensaístas da época a fazer severas críticas às governantas, insistindo que os filhos deveriam voltar a ser educados pelas mães.

Às preceptoras era comum o fim em asilos, como conseqüência da própria falta de sustentação parental durante a vida, por serem órfãs, abandonadas, ou empobrecidas. Às vezes, pela morte dos pais ou maridos, viam-se sozinhas e sem condições de manter uma moradia, o que as obrigava a procurar uma ocupação onde pudessem habitar. A preceptoria é o espaço, por excelência, para esses casos, porém, a duração desse fazer está limitada ao crescimento das crianças a quem foram contratadas para ensinar. Terminada a sua tarefa, ela não é mais necessária na Casa, devendo ser mandada embora, excetuando-se alguns casos em que chegam a atender a duas gerações da família. Sendo dispensadas, têm como opção buscar outro emprego ou, se por ventura, caem doentes ou atacadas por algum problema psicológico, não tendo equilíbrio para recomeçar a vida de educadora em alguma outra Casa, são obrigadas a internar-se em algum asilo ou casa beneficente, o que explica, parcialmente, o censo inglês de 1861, que revela inúmeras preceptoras, juntamente com prostitutas e loucas, internadas em asilos.

Em alguns casos, porém, tornavam-se tão importantes para aqueles que haviam educado, que, seja por gratidão ou mesmo por compaixão para não vê-las abandonadas, permaneciam acompanhando os pupilos por toda a vida, ficando até à morte em suas casas. Um relato literário que retrata bastante bem essa prática é o romance português de Júlio Dinis *Uma família inglesa*, no qual a Sra. Catarina fora ama do dono da casa, Mr. Richard, um inglês residente na cidade do Porto, em Portugal, no princípio da segunda metade do século XIX, cuja família atendida por diversos criados, resumia-se a ele, o filho Carlos, a filha Jenny e "a velha Kate". A velha senhora, já octogenária, paraplégica e demente habitava um dos quartos da casa, "vigiada com carinho pela família Whitestone e com impaciência, a custo reprimida, por criados e criadas":

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Em certos dias os acessos da velha eram furiosos e as suas imprecações, em língua mestiça de português e inglês, e os seus gritos horripilantes punham em alvoroço toda a casa. Em momentos assim era difícil apaziguá-la; tão violentas gesticulações fazia, que poucos eram os braços para impedir-lhe que se maltratasse. (DINIS, 1991, p. 75).

A "velha Kate" vem a morrer na casa, acudida por Carlos, filho problemático de Mr. Richard, a quem ela confunde com o pai, chamando-o de Dick. O triste fim da ama de Mr. Richard é, sem dúvida, uma das melhores expectativas para aquelas mulheres, sem posses ou família para sustentá-las, cuja vida foi dedicada a cuidados e à formação de outros.

No final do século XIX, as mulheres que antes optavam pela preceptoria, preferem os colégios, onde fugiriam ao estigma e às difíceis condições de vida nas casas alheias:

> Para a classe média e alta, a educação para meninas em casa ainda permanecia a ideal. Na terceira parte do século, muitas famílias mandavam suas filhas para as novas escolas com bom currículo acadêmico, onde ficavam até a idade de 14 ou 15 anos. Depois, preferiam contratar uma preceptora por ser isto mais apropriado para uma jovem laddy (...). Essa combinação reforça a antiga idéia de valorizar a educação em casa e também reconhece que a educação de ornamento não era mais adequada. Conseqüentemente, de 1880 em diante, qualquer preceptora que quisesse arranjar emprego em família teria que fornecer certificados do Queen's College, aprovações em exames no Junior e Senior Local University ou até mesmo diploma universitário. Caso contrário, teria que mostrar um nível de instrução comparável ao das professoras especializadas. Como dizia Charlotte Yonge em Womankind, a preceptora havia se tornada uma lady com uma profissão.. (HUGHES apud MONTEIRO, p. 54).

Da "ocupação" das preceptoras nasce a "profissão" de professoras. Só que a profissionalização vai exigir requisitos para os quais algumas não estavam preparadas e outras resistem por temor ou impossibilidade de tê-los.

Ao revisar a preceptoria, especialmente em uma amostra de como se dava em Portugal, França e Inglaterra e como uma das principais estratégias de educação doméstica, procurei traçar um breve panorama dessas práticas no contexto europeu, cuja influência fez-se sentir marcadamente nos países periféricos, entre eles o Brasil do século XIX, onde os modelos estrangeiros eram exaustivamente copiados.

Especialmente em relação à França, pode-se afirmar haver uma significativa influência dos hábitos, modismos e tendências no Brasil de Oitocentos, como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

exemplifica o relato da preceptora Ina Von Binzer (1994), na sua chegada ao Brasil:

> Parece que não existem quase brasileiros que não falem francês, embora alguns deles possuam apenas uma vaga noção sobre o país a que essa língua pertence, ignorando mesmo que existem mais algumas cidadezinhas além de Paris. Na cabeça da preta que me serve – a minha negra – Paris corresponde a todo o lugar fora do Brasil. Como percebi sua admiração ilimitada por essa coisa notável que é Paris e de onde naturalmente provenho, tive o cuidado de não desacreditar a cidade e a competência de seus filhos, com meu português de oito dias. (p. 18).

Entre os usos e costumes copiados da França e implantados no Brasil, encontra-se a própria preceptoria, como aponta o artigo intitulado *Educação,* escrito no jornal *Album Litterario periódico instructivo e recreativo,* no exemplar publicado no dia 15 de agosto de 1860. Nesse artigo, o articulista, que assina a matéria com as iniciais ou o pseudônimo *IESY,* constata a incessante imitação que, no Brasil, se faz da França, chamando atenção para coisas proveitosas que deveriam ser mais copiadas daquele país, como, por exemplo, a utilização pelas famílias de preceptoras:

> Quando uma nação copia os costumes e usos adoptados nos paizes civilizados, dá exuberante prova de amor á civilização, e os seus primeiros ensaios são passos que ella firma na estrada do progresso. Por isso, longe de nos enfadarmos de ver todos os dias o Brasil buscando imitar a França, esse grande centro donde parte a civilização universal, é com prazer, não destituído de patriótico sentimento, que vemos já introduzidos em nosso paiz, além dos fúteis usos, os usos proveitosos. Não é nossa intenção fallar de tudo quanto da França imita o Brasil: falta nos o tempo, e, o que é mais essencial, os precisos conhecimentos para tratar de assunto tão grave, como seja esse de estudo sobre costumes. Pretendemos apenas tratar de um desses raios da luz civilisadora, (...). Pretendemos fallar da preceptora. (p. 2).

Ao falar da preceptora, o autor do artigo citado afirma que esse costume francês, proveitosamente, deveria ser mais utilizado no Brasil. A razão de tal afirmativa, explica o autor, é o uso "pernicioso" e até "perigoso", adotado nas famílias brasileiras, de entregar a criação dos filhos a amas, quase sempre escravas, que, através do contato desde a infância, gravariam as primeiras impressões nas crianças, causando prejudiciais defeitos nas mesmas, que só muito mais tarde poderiam ser modificados. No contato com os escravos, em que ordinariamente crescem as crianças brasileiras, é que se "ganhão esses defeitos,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

aprendem esses hábitos mãos, que são tão comuns" e que "sem custo amoldão-se aos animos fracos e fáceis, como são os da criança".

Entre outros prejuízos deste sistema de criação das crianças brasileiras, o articulista ressalta a "corrupção na linguagem e o comportamento na sociedade". Segundo ele, a França, a Inglaterra, a Alemanha e outros países previnem-se desses prejuízos na aquisição de "governantes", entregando a "aias de educação" a educação de seus filhos, livrando-os da perniciosa influência que exerce nas crianças o contato e a convivência com "famulos" despidos de conhecimentos sociais, ignorantes de usos e de costumes que são princípios da civilização.

> A' medida que a criança, entregue aos cuidados da intelligente e virtuosa *governante*, recebe a **educação doméstica**, e por assim dizer, material, é que sua alma desenvolve-se á luz de sãos princípios e sua intelligencia illumina-se; á medida, dizemos, que assim essa criança recebe uma educação completa, as nossas, criadas e crescidas na communidade de amas inaptas e impróprias para essa delicada tarefa, ignorão o bom, sua intelligencia embota-se, e não conhecem mesmo os mais comezinhos princípios de moral. É, pois, incontestável que tão prejudicial é o uso adoptado em nosso paiz quanto proveitosa é a acquisição da preceptora. (*Album Litterario periódico instructivo e recreativo*, 15/08/1860, p. 2 – grifo meu).

Após a reflexão, o autor assinala que, todavia, esse hábito está mudando e "já algumas casas de nossa sociedade, compreendendo o benéfico resultado que se pudera colher da introducção da preceptora na família, teem confiado a criação e educação de seus filhos a aias virtuosas e honestas", que, segundo ele, são "competentemente habilitadas para a tarefa melindrosa da educação social".

O artigo é finalizado ressaltando-se que, esse sim, é um "uso tão apreciável e digno de imitação", embora se constitua como apenas um ensaio na sociedade de 1860, "mais tarde far-se-ha uma necessidade palpitante, necessidade tanto mais sensível quanto maior e melhor desenvolvida for a civilização do paiz".

Enquanto o artigo do jornal *Album Litterario periódico instructivo e recreativo,* de 1860, enaltece a imitação dos costumes como indícios de civilização, a marcante influência estrangeira, principalmente francesa, é constatada de forma satírica, nos hábitos da população do Rio de Janeiro, pelo jornal *A Carapuça,* em publicação, datada de 26 de abril de 1857:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

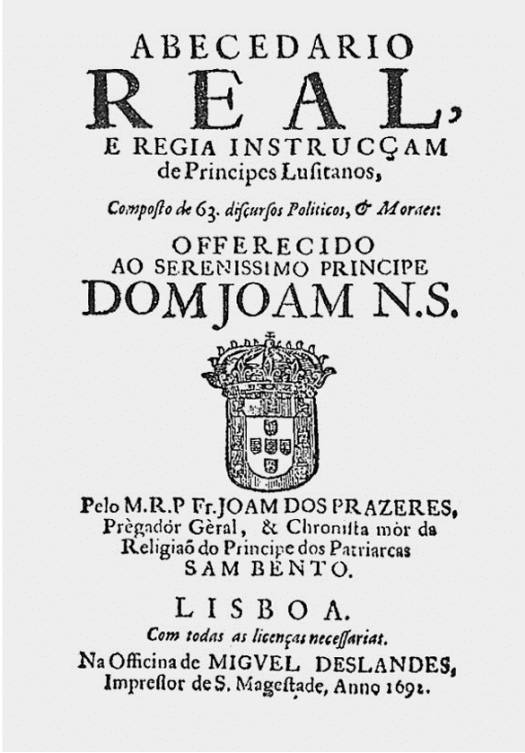
> O Brasil é uma criança que, muitas vezes, deixa de lançar mão d'aquillo que lhe póde ser útil, para saborear o que, sem duvida, lhe ha de ser muito funesto. – Hoje, em as nossas reuniões, já não se usa fallar a linguagem dos nossos avoengos; a moça tem o seu *toilette,* e traz o seu *bouquet,* e não dispensa *sa femme de chambre;* o rapaz traja como um *fashionable,* gosta de *son pantalon á la mode,* e aprecia o *confortable* de um bello *soirée.* O *spleen* – exprime melhor o aborrecimento que, em certos dias *prosaicos* da nossa vida, nos faz soffrer de uma moléstia terrível – *relache par indisposition.* Um ancião me dice que os jovens da epocha fallavam de modo que, poucos, os compreendiam. (...) Ha gente, em nossa terra, que se veste á franceza, dorme á italianna, e come á ingleza. – Nós não podemos ser originaes – De braços crusados, no *dolce far niente,* esperamos que nos venhão da culta Europa o modello para os nossos vestidos, e até o próprio nome para as nossas comidas! O gastrônomo come, com appetite voraz, um *fricandó, o rabioli, o patê truffée,* e encontra, um refrigério, na estação calmosa – no *ponche á la romaine.* Os moços, cujo craneo se ressente da falta de juíso, querem se parecer com o figurino recém-chegado no ultimo paquete! (...) Presentemente – as nossas costureiras despresarão o crivo por o *crochet.* Os meninos, mal sabem ler, cuidão, logo, por ordem de seus Paes, de aprender o *Francez.* Parece-me que, sem o francezismo, não se pode viver no Brasil! E d'esta sorte, as obras dos autores clássicos da língua portugueza, persistem empoeiradas nas prateleiras das estantes dos livreiros. (p. 2)

Dessa forma, a educação doméstica analisada em um espaço ampliado ao do recorte escolhido, sinaliza os subsídios e os indicadores necessários para a recomposição, no Brasil, da história dessas práticas no contexto em que aqui ocorreram, em um cenário predominantemente inspirado nos modelos estrangeiros, cujos agentes também eram majoritariamente forasteiros, atuando com conhecimentos adquiridos em outras realidades e tendo, como referenciais, obras, tratados e documentos de conteúdo essencialmente europeu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

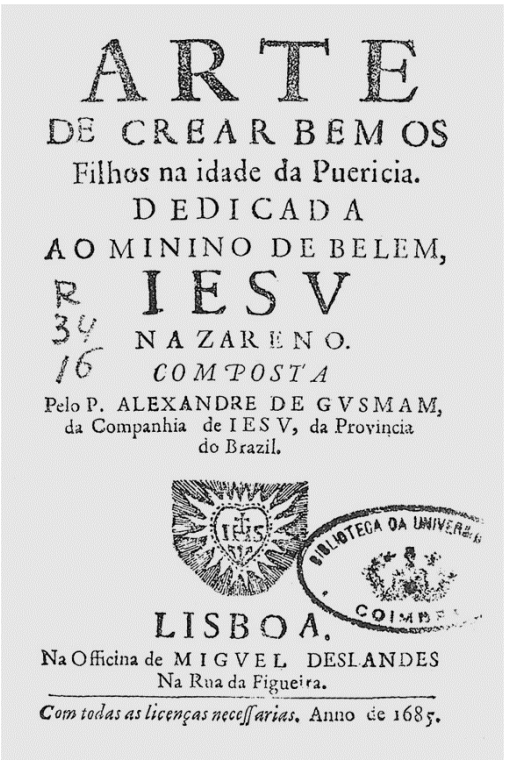
3.2
A propagação da literatura para a Educação Doméstica

PRINCIPE
PERFECTO
Y
MINISTROS
AIVSTADOS,
DOCVMENTOS POLITICOS,
Y MORALES.
En Emblemas.
Por el R.P. ANDRE'S MENDO, de la Compañia de IESVS, Calificador del Consejo de la Inquisicion Suprema, Lector de Theologia, y de Sagrada Escritura en Salamanca.
Añadido de las Estampas — en esta segunda Impression.
INGENIVM — SUPERAT VIRES
EN LEON DE FRANCIA.
A Costa de
HORACIO BOISSAT Y GEORGE REMEVS.
Año. M. DC. LXII.
CON PRIVILEGIO.

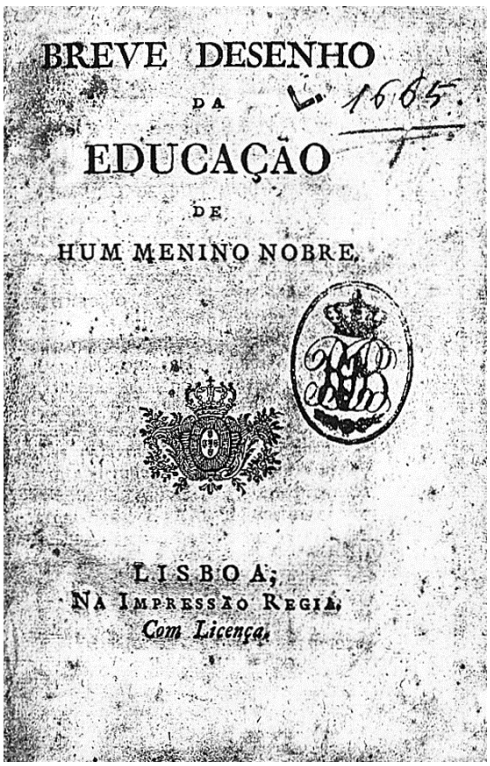


ABECEDARIO
REAL,
E REGIA INSTRUCÇAM
de Principes Lusitanos,
Composto de 63. discursos Politicos, & Morales:
OFFERECIDO
AO SERENISSIMO PRINCIPE
DOM JOAM N.S.
Pelo M.R.P Fr. JOAM DOS PRAZERES,
Prègador Gèral, & Chronista mòr da Religiaõ do Principe dos Patriarcas SAM BENTO.
LISBOA.
Com todas as licenças necessarias.
Na Officina de MIGVEL DESLANDES,
Impressor de S. Magestade, Anno 1692.

Figura 8 e 9 – Literatura para a educação doméstica.



ARTE
DE CREAR BEM OS
Filhos na idade da Puericia.
DEDICADA
AO MININO DE BELEM,
IESV
NAZARENO.
COMPOSTA
Pelo P. ALEXANDRE DE GVSMAM, da Companhia de IESV, da Provincia do Brazil.
LISBOA,
Na Officina de MIGVEL DESLANDES
Na Rua da Figueira.
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1685.



BREVE DESENHO
DA
EDUCAÇÃO
DE
HUM MENINO NOBRE.
LISBOA;
NA IMPRESSÃO REGIA.
Com Licença.

Figura 10 e 11 – Literatura para a educação doméstica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Em toda a Europa, sobretudo a partir da Baixa Idade Média, surgiu um tipo especial de literatura destinada à educação de reis, príncipes, nobres, fidalgos, cavalheiros e senhores.

Apesar de não demonstrarem uma uniformidade, há, porém, nesta literatura, aspectos unificadores, pois quase todas apresentam, como uma meta pedagógica a atingir, o retrato do governante ideal e todas estão centradas em torno de problemas éticos, dirigindo-se, principalmente, à formação moral e religiosa do "príncipe".

Tendo em vista a sua destinação, pode-se afirmar que tais obras constituíram-se nos primeiros "manuais" utilizados para a educação doméstica, teorizando e apresentando os procedimentos, conteúdos e métodos mais adequados para se proceder à educação de crianças e jovens nas Casas das elites.

Dessa forma, este estudo apresenta uma amostra desses escritos, reportando-se também, a algumas publicações que se tornaram, recorrentemente, utilizadas por mestres, preceptores e professores, influenciando de maneira significativa a concepção de educação doméstica, bem como seus agentes, suas finalidades e objetivos.

Ao analisar os manuscritos e livros que, inicialmente, se encarregaram de apresentar a educação doméstica como uma instituição reconhecida – em alguns momentos e circunstâncias, a única existente para o ensinamento de meninos e meninas das classes privilegiadas –, demonstra-se o entendimento teórico dessa prática que subsidiou a educação de inúmeras gerações em diferentes momentos históricos.

Em plena Baixa Idade Média, Vicente de Beauvais escreveu o *De eruditione filiorum nobilium*[16], a pedido da Rainha Margarida de França, esposa de S. Luis[17], para a educação de seus filhos Luis e Isabel. As obras, porém, de maior influência na educação deste período foram o *De Regimine Principium* de S. Tomás[18], escrito para o Rei de Chipre, e a obra com o mesmo título de Aegidius

[16] Cf. GOMES, J. F. Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica com a edição crítica dos *Apontamentos para a educaçaõ de hum menino nobre.* Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1964, p. 94.
[17] Trata-se de Luiz IX, Rei de França.
[18] Op. cit., p. 94.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Romanus[19], escrita, em latim, pelo arcebispo da ordem de Santo Agostinho para a educação de Felipe, o Belo.

Nos princípios do século XV, o chanceler da Universidade de Paris, João Gerson, escreveu o *Tractatus de considerationibus quas debet habere princeps*[20] e, a partir de então, se multiplicam os trabalhos desse gênero.

Com a afirmação da imprensa, um dos temas mais recorrentes para as publicações vai ser a educação, principalmente dos príncipes e das crianças nobres.

Nesse sentido, muitas publicações surgem com essa finalidade, enfocando, particularmente, como se devia educar e que conhecimentos e princípios deviam ser ensinados aos filhos ou pupilos.

A partir do século XVI, é constante na literatura uma preocupação com a forma como eram educados e as influências que recebiam em sua formação aqueles que, certamente, iriam tornar-se governantes ou mandatários.

Dessa forma, publicavam-se livros que pretendiam indicar ao mestre não só a extensão da sua responsabilidade ao influenciar a formação de futuros reis e nobres, bem como levá-los a aplicar teorias que pareciam ser aquelas que poderiam, através da educação das elites, alterar as posturas, os pensamentos e as relações existentes.

A Bíblia foi, certamente, junto a essa literatura, o primeiro livro de leitura de muitas crianças e jovens que aprenderam a ler e a escrever através da educação doméstica.

Tal prática reunia à aprendizagem da língua escrita os preceitos religiosos e morais, tornando-os inseparáveis, ou seja, a educação era entendida, também, como formação moral e religiosa.

Algumas obras dos séculos XVI e XVII, tomadas como uma amostra de tais compêndios, exemplificam as afirmações anteriores e permitem uma análise do que era tratado nesses manuais utilizados na educação doméstica[21]:

---

[19] ROMANUS, Aegidius. *De regimine principium.* Roma: Antonium Bladum Pont. Max. Excusorem, 1556.

[20] Cf. GOMES, J. F. *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica com a edição crítica dos Apontamentos para a educaçaõ de hum menino nobre*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1964, p. 95.

[21] Na exemplificação inicial relativa ao seiscentos, optei por obras de autores espanhóis, tendo em vista que "o século XVII português é particularmente pobre no sector da literatura pedagógica", cf. FERNANDES, Rogério. *O pensamento pedagógico em Portugal.* M.E.C. Secretaria de Estado da Cultura, 1978, p. 34.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Em 1544, Francisco de Monzón escreve o *Libro primeiro d'l espejo Del príncipe chistiano: que trata como se há d'criar um príncipe desde su tierna ninez.* A obra trata da importância da virtude e da força dos costumes sobre a natureza humana. Citando Horácio, o "famoso poeta e singular filósofo"[22], o autor afirma que aquilo que é ensinado na infância, se vícios ou virtudes, será guardado por toda a vida. A razão de tal sentença é "estar el ingenio entonces mas blando que cera para imprimir nele muy facilmente lo que le ensenarse"[23]. Monzón (1544) usa como exemplos para comprovar sua teoria, ensinamentos de Aristóteles, acontecimentos históricos, a legislação atribuída a Licurgo, passagens bíblicas relativas aos reis Saul e seu filho Jonatas, David e seu filho "Absalon", Salomão e Samuel e, ainda, os imperadores romanos Calígula, Marco Antônio, Cômodo, Valeriano Augusto, Carino, cujas glórias e vicissitudes teriam sido conseqüências de sua criação e dos vícios e virtudes adquiridos quando crianças e que foram determinantes em suas condutas durante seus governos, levando-os ao sucesso ou à decadência[24].

Continuando sua análise, o autor apresenta outros tantos exemplos de príncipes, mostrando pais virtuosos que criaram filhos maus e reis tiranos e perversos que, no entanto, criaram filhos virtuosos. Ou seja, segundo o autor é possível alterarem-se as inclinações e "degenerações da natureza das crianças"[25], pela educação, com o desenvolvimento das virtudes. O segundo capítulo da obra de Monzón[26] (Idem) trata de mostrar que o cuidado com a educação dos filhos pertence aos seus próprios pais e que, pelo grande amor que lhes têm, são responsáveis pelos resultados de sua educação.

Na mesma perspectiva de Monzón (Idem) e também na Espanha, Andrés Mendo, padre da Companhia de Jesus e membro do conselho da inquisição suprema, faz publicar, em 1662, sua obra intitulada *Principe perfecto y ministros alvstados, documentos políticos, y morales*[27], que como seu antecessor Monzón (Idem), trata das regras para a boa educação dos príncipes. O primeiro capítulo

[22] MONZÓN, Francisco de. *Libro primeiro d'l espejo Del príncipe chistiano: que trata como se há d'criar um príncipe desde su tierna ninez.* Manuscrito, Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1544, fo. viii.
[23] Idem, fo. viii.
[24] Ibidem, fo. viii.
[25] Ibidem, fo. ix.
[26] Ibidem, fo. x.
[27] MENDO, Andrés. *Principe perfecto y ministros alvstados, documentos políticos, y morales*. Salamanca: Horacio Boissat y George Remevs, 1662.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

chamado de *Documento I* é intitulado *De la buena educacion del Príncipe, pende el acierto de su vida, y felicidad del Reyno* e afirma a importância da cultura e da educação, cuja falta faria brotar as "malezas", colocando os vícios como produto da falta de ensinamentos[28].

Mendo (1662) diz que o mestre e o aio formam o homem, ajustando-o aos seus preceitos. Exemplifica suas afirmações contando a história de "Antisthenes" que, perguntado por um pai que lhe havia confiado a educação do filho o que ele necessitava para educar o seu filho, respondeu-lhe que de livros e "tablillas"[29], demonstrando que, assim, o faria bem educado. Segundo o autor, com o mestre disciplinando-o constantemente, o discípulo adquire na alma e no corpo hábitos para viver e agir acertadamente.

Mendo (Idem) afirma, ainda, que de nada adianta ser livre quando se é mal educado, pois, dessa forma, sempre se será escravo de desordenados afetos e dos apetites que arrastam a razão. Para ilustrar seu conselho, conta a história de Aristipo que pediu a um pai uma determinada soma de dinheiro para educar o seu filho. O pai, achando alta a quantia, respondeu que, por esse mesmo dinheiro, poderia comprar um escravo, ao que Aristipo replicou: "assim terás dois escravos, o teu filho e aquele que comprares"[30].

O autor acredita que as crianças são como almas brancas que vão sendo coloridas pelo mestre e, dessa forma, recebem qualquer cor. O perigo está, pois, em não poderem recuperar a cor antiga. Essas regras valiam para todos os cidadãos, entretanto, a educação dos príncipes devia ser ainda mais cuidadosa, porque "os príncipes mandam quando pecam e na vida dos reis os vícios não são vícios são leis"[31]. Assim sendo, os reis deviam guardar bem seus filhos, escolhendo *ayos* de boa linhagem, de bons costumes e de bom senso, sem má fama e, principalmente, que fossem leais, amando o reino. Mendo (Ibidem) exemplifica suas afirmações mostrando que Agripina deu a seu filho Nero, Sêneca como mestre, para que o fizesse bem educado e o próprio Sêneca, conhecendo a natureza de Nero, previu que ele era inclinado a atrocidades e teria dito a amigos que havia nele um leão feroz. Alçado precocemente ao trono, confirmam-se as previsões de Sêneca. Além disso, o autor chama atenção de que, para os antigos, o

[28] Idem, p. 1.
[29] Ibidem, p. 2.
[30] Ibidem, p. 3.
[31] Ibidem, p. 5.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

papel dos *ayos* e dos mestres era tão estimado que os chamavam de "pais das almas"[32].

Misturando mitos e acontecimentos históricos, o autor cita mestres fundamentais na vida de seus discípulos: Atlante para Hercules, Fênix para Aquiles, Aristóteles para Alexandre, Plutarco para Trajano, Alcuino para Carlos Magno. No *Documento II,* Mendo (Ibidem)[33] aponta, também, que na primeira idade, é preciso assegurar o desenvolvimento das virtudes e dos acertos, pois só das virtudes pode nascer o bem.

Ainda na Espanha, em 1671, publica-se *Nudricion real Reglas, o preceptos de como se há de educar a los reyes mozos, desde los siete, a los catorce anos* escrito por Pedro Gonçalez de Salcedo. A obra está dividida em vinte e sete capítulos, que tratam desde a importância de que os próprios pais executem a educação dos "reis moços", sendo eles mesmos seus mestres, principalmente, no que concerne aos princípios naturais; até a necessidade de se ensinar aos "reis moços"[34] a comer, a beber, a lavar as mãos antes e depois de comer e, entre a comida, limpá-las com toalhas, que não se deve falar enquanto se come e que se deve comer com moderação; que se deve ensinar aos "reis moços" a ler e escrever bem e em línguas diferentes, particularmente a de seus reinos.

Em Portugal, Alexandre de Gusmão[35], no ano de 1685, publica a obra *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia.* O autor trata da importância da boa criação dos meninos, tomando, como exemplo, a vida dos santos padres. Afirma a utilidade da boa criação dos filhos e a necessidade de começá-la enquanto são meninos, demonstrando o quanto severamente Deus castiga os pais negligentes na criação dos filhos e o quanto agrada a Deus a boa criação dos mesmos. Gusmão (1685) defendia uma educação individualizada, visto que as crianças podiam comparar-se aos metais: nem todos se lavram de maneira idêntica. Assinala a

[32] Ibidem, p. 6
[33] Ibidem, p. 7
[34] GONÇALEZ DE SALCEDO, Pedro. *Nudricion real Reglas, o preceptos de como se há de educar a los reyes mozos, desde los siete, a los catorce anos.* Madrid: Por Bernardo de Villa-Diego, 1671.
[35] Jesuíta, Alexandre de Gusmão era tio do secretário de D. João V, seu homônino, e escreveu a obra pedagógica *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia* que se tornou a mais significativa do gênero em seiscentos. Cf. FERNANDES, Rogério. *O pensamento pedagógico em Portugal.* M.E.C. Secretaria de Estado da Cultura, 1978, p. 35. O brasileiro Alexandre de Gusmão, homônino do autor citado, nasceu em Santos, no ano de 1695, e foi secretário de D. João V e de seu sucessor D. José I. Além disso, o brasileiro Alexandre de Gusmão era irmão de Bartolomeu de Gusmão, também destacado na Corte portuguesa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

importância da eleição do mestre, que irá ensinar aos meninos, e descreve as obrigações de tutores, aios e mestres, utilizando histórias, parábolas e exemplificações de mestres e discípulos. Discorre, ainda, sobre a obediência aos mestres, aios e tutores. Aos mestres é atribuída toda a responsabilidade sobre os discípulos, "quanto mais excellente for o mestre, melhor será a creaçam do discípulo" e, dessa forma, um "Princepe melhor". O autor cita exemplos de discípulos que foram excelentes príncipes e filósofos porque tiveram bons mestres: "Xenocrates, Dion, Licurgo, Aristóteles"[36]. A seguir Gusmão (Idem) coloca uma questão: "que propriedades há de ter o bom mestre, ou ayo dos mininos, para serem bem criados?" O autor responde afirmando:

> que deviam ser como aquelles espíritos, que movem os astros, a que chamamos intelligencias, porque assim como o concerto todo, & movimento dos astros depende das intelligencias, que lhe assistem, assim todo o bom concerto, acções, & movimentos dos mininos estam pendentes da assistência dos mestres, que os ensinam. (p. 85).

Alexandre de Gusmão (1685) afirma, ainda, a importância de castigar os meninos quando erram, porém, não devendo os pais ser demasiadamente severos na aplicação do castigo[37]. Segundo o autor, "saudáveis são os açoites que em vossas casas dais a vossos filhos", "mas os da escola são mais proveitosos à vida, porque aproveitam aos vossos e mais aos alheios; porque o menino com o açoite próprio se emenda, e com o alheio se acautela, e vai cobrando o temor, e com ele o respeito" [38]. Censurava todas as aprendizagens mundanas, como dançar, tocar viola, o que considerava como um tempo perdido. O autor ressalta o especial cuidado que se deve ter na criação das meninas, sendo a "guarda" e o "recolhimento"[39] a primeira norma. As meninas deveriam ser criadas no "amor da pureza", consentindo-se a elas o ensino da leitura e da escrita, bem como alguns princípios da língua latina para o caso de se destinarem à vida religiosa.

[36] GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia.* Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685, p. 85.
[37] Idem , p. 319.
[38] Ibidem, p. 309.
[39] Ibidem, p. 377.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Quanto ao livro de Gusmão, Fernandes (1978) ressalta que parece ser o melhor tratado de educação infantil do século XVII, "ao mesmo tempo que pretende ser um guia prático de educação doméstica"[40].

François de Salignac de Lamotte-Fenelon, dentre sua vasta obra, parte dela escrita com objetivos pedagógicos, vai publicar, também, em 1688, um pequeno tratado intitulado *De l'éducation des Filles* que preconiza como devem ser educadas as meninas, desde a primeira idade, até quando vão descobrindo as luzes da razão, e como deve ser a postura dos pais diante das curiosidades e dos ensinamentos.

No ano de 1692, é publicado o *Abecedário real e regia instrucçam de príncipes lusitanos,* escrito por Frei João dos Prazeres, no qual, as vinte e uma letras que formam o abecedário dão origem, cada uma, a três palavras-chave e cada palavra-chave dá origem a um discurso religioso, político e moral. Como exemplo, a letra A dá origem às palavras amante, amado e animoso[41] e, cada uma delas, dá origem a um discurso, todos eles relacionados à questão moral como: amantes de Deus e do próximo, amados de Deus e dos vassalos, e o maior dos benefícios de Deus, o ânimo. Dessa forma, os príncipes e as crianças nobres poderiam aprender as letras à medida que, também, incorporavam um exaustivo discurso religioso e moral.

Aprimorando a forma de abecedário e parecendo ser a origem das cartilhas modernas, em 1722, é publicada, em Portugal, a obra *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, escrita por Manoel de Andrade de Figueyredo que se intitula *mestre desta arte nas cidades de Lisboa Occidental e Oriental.* O livro inicia com o tratado primeiro intitulado *Da instrucçam para ensinar a ler o idioma Português com brevidade e sufficiencia para se escrever assim como se pronuncia* e o primeiro capítulo trata daquilo que deveria ser a primeira preocupação dos pais ao adquirir o livro: a escolha dos mestres. Intitulado como *Da eleyção dos mestres, que os pays devem fazer para seus filhos,* esse capítulo é aberto com o alerta do autor, para que, antes que se proponham as regras que devem observar os mestres no ensino de meninos, os pais devam ser advertidos do

[40] Cf. FERNANDES, Rogério. *O pensamento pedagógico em Portugal.* M.E.C. Secretaria de Estado da Cultura, 1978, p. 40.
[41] PRAZERES, João dos. *Abecedário real e regia instrucçam de príncipes lusitanos*. Composto de 63 discursos políticos e Moraes: Offerecido ao sereníssimo príncipe Dom João N.S. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1692, p. 17.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

sumo cuidado que é necessário na escolha dos mestres, pois dela depende "todo o bom ou mau sucesso de seus filhos"[42]. A eleição do mestre estava associada à ventura ou à desgraça dos filhos e, por isso, devia-se buscar mestres virtuosos, sábios e honrados. O autor segue com suas considerações, ressaltando a importância da função do mestre e exemplifica suas observações, também citando mestres de reis e imperadores, cujo respeito de seus discípulos dava-lhes prerrogativas únicas naquele contexto. Assim sendo, quanto maior as prerrogativas que tinha, maior a responsabilidade e o cuidado que se tornava necessário ao mestre. Para exercer com dignidade suas funções, o mestre deveria ter, então, muita ciência para o ensino, muita virtude para o exemplo, deveria reformar a vida, moderando os apetites de ânimo e trazer sempre, diante de seus olhos, a célebre sentença de Sêneca, que diz: o mestre "não só deve carecer de toda a culpa, mas ainda deve pôr todo o cuidado em evitar a suspeita della: Preceptores non sorum carere crimine turpitudinis, fed etiam suspicione oportet"[43]. O principal cuidado que deveria ter o mestre seria o de instruir seus discípulos na doutrina cristã e nos bons costumes, não lhes ensinando coisas supérfluas, com que mais se confundam do que aproveitem. Os mestres deveriam, também, não ser tíbios em repreender e castigar os discípulos, porque o castigo não se encontra com o amor, pois mesmo Deus aos que ama castiga, e o castigo se é demasiado, parece tirania, mas se é proporcionado, é "remédio". "O mestre há de ter um modo de castigar, outro de perdoar; de tal sorte, que não pareça tyrano, nem seja lisongeiro: todo o extremo é vicioso. O Mestre que é rigoroso em extremo, mais escandaliza que ensina"[44]. Citando São Jerônimo, o autor afirma que não há coisa mais torpe que o mestre furioso: "nihil est fedius preceptore furioso"[45]. Em contrapartida, o mestre que é demasiadamente brando, mais lisonjeia do que ensina, porque "a vara e a correção são as que dão sabedoria ao menino"[46]. O autor finaliza o capítulo, afirmando que quem ensina deve ter muita prudência e virtude, pois todos os acertos e erros dos aprendizes serão atribuídos ao mestre.

[42] FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar.* Offerecida á Augusta Magestade do Senhor D. João V. Lisboa: Bernardo da Costa de Carvalho, 1722, p. I.
[43] Idem, p. 5.
[44] Ibidem.
[45] Ibidem.
[46] Idem. Ibidem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Nesse sentido, somente após ler essas recomendações, os pais deveriam contratar os mestres para os filhos, pois o sucesso destes seria o sucesso dos pais e da própria república. O livro segue como um manual de orientação aos mestres com "advertências no ensino de ler"[47], "advertências no ensino de escrever"[48] e "advertências no ensino da conta"[49], o método que devia ser usado no ensino da leitura e o método que devia ser usado no ensino da escrita. Nesse último caso, o ensino da escrita, o capítulo é iniciado descrevendo-se o material mais apropriado para a escrita, chamados de "instrumentos e adereços necessários para se escreverem todas as formas de letras"[50], explica-se aí como deve ser o papel ou o pergaminho, os tinteiros e "poedouros"[51], as tintas, as penas, o canivete, o bofete, a goma graxa, as pautas de "falfas regras"[52], pautas de linhas e demonstra-se a maneira de segurar a pena. Após o ensino da escrita, o tratado terceiro do livro ensina a ortografia portuguesa e o tratado quarto apresenta o ensino das "oito espécies de arithmetica de inteiros e quebrados" e da "taboada declarada por letra" [53], finalizando com o "valor das letras da conta romana"[54].

Apesar de escrita para professores das escolas elementares, a *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* consiste em um manual que poderia também ser usado para a educação doméstica, principalmente, considerando a importância dada à contratação do mestre, responsabilidade que, na escola pública, era transferida para o Estado.

Em 1745, o Marquês de Valença faz publicar os livros intitulados *Instrucçam que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal do Conselho de Sua Magestade dá a seu filho primogênito D. Joseph Miguel* e *Instrucçam que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal do Conselho de Sua Magestade dá a seu filho segundo D. Miguel Lucio de Portugal,* ambos com conselhos morais e religiosos, os quais deveriam servir como lição para seus filhos.

Mas é, em 1734, alguns anos antes, que aparece uma das obras mais completas do gênero, marcadamente influenciada por John Locke, Fénelon e

[47] Ibidem, p. II.
[48] Ibidem, p. 12.
[49] Ibidem, p. 15.
[50] Ibidem, p. 27.
[51] Ibidem, p. 28.
[52] Ibidem, p. 35.
[53] Ibidem, p. 81.
[54] Ibidem, p. 156.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Charles Rollin[55]. Seu autor é Martinho de Mendonça de Pina e de Proença que publica, em Lisboa, os seus *Apontamentos para a educação de um menino nobre.*

Em seus *Apontamentos,* Martinho de Mendonça (1734) quer que se tome um aio que acompanhe o menino nobre desde o nascimento "ainda huma criança está envoltas nas mantilhas"[56] até a juventude.

Embora não esteja dividida em capítulos ou subtítulos, o autor ordena sua obra em três tópicos essenciais: educação física, educação moral e educação intelectual.

Quanto à educação física, Martinho de Mendonça (Idem) recomenda aos pais aplicar todo o rigor para aumentar o vigor e conservar a saúde dos filhos, sugerindo, para isso, regras concretas de vestuário, alimentação, sono e tratamento de doenças, sempre com uma dureza espartana.

Na educação moral, o autor adverte que o principal fim da boa educação deve ser adornar de virtudes a alma e que isso deve começar cedo, para que a criança, utilizando sua capacidade de imitação, adquira bons hábitos. Toda a manifestação de um gênio pertinaz e imperioso deveria ser reprimida, pois convém preparar as crianças para enfrentar, com estoicismo, os sofrimentos e os trabalhos da vida. Cabe ao mestre moderar e domar "a soberba, desejo de independência, e de poder satisfazer em tudo a sua vontade"[57], assim como, a inclinação para a avareza e para a injustiça, comum nas crianças. O autor enfoca, ainda, entre outras questões abordadas, a importância de se desenvolverem as boas maneiras e a necessidade de tornar os meninos polidos e "cortezes" [58], obrigando-os às práticas de civilidade.

Na educação intelectual, Martinho de Mendonça (Ibidem) detém-se em um problema que, segundo Gomes (1964), percorreu toda a História da Pedagogia: o que é melhor para as crianças – o ensino doméstico, individual ou o ensino coletivo? "He problema em matéria de educação, e ensino, se he melhor crearem-se os filhos em casa de seus pays, se em Collegios?"[59] A resposta a esta questão o autor dá sugerindo a criação de colégios para nobres "em que a nobreza se instrua

[55] Charles Rollin (1661-1741), Reitor da Universidade de Paris, consagrou a vida ao magistério e à redação de suas obras. Entre estas, destaca-se o *Traité dês Études ou De la manière d'étudier lês belles lettres par rapport à l'esprit et au coeur,* publicado em dois volumes em 1726-1728.
[56] PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e. *Apontamentos para a educaçaõ de hum menino nobre.* Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, p. 23.
[57] Idem, p. 46-47.
[58] Ibidem, p. 67.
[59] Ibidem, p. 134.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

nos exercícios mais convenientes ao seu estado"[60]. Dessa forma, Martinho de Mendonça (1734) demonstra ser adepto da educação em colégios próprios para a nobreza:

> deve preferir-se a educação dos Collegios, destinados para esse fim, a toda a que se lhe pode dar em casa, exceptuando somente a de hum pay, que além de bons Mestres, tenha capacidade, e paciência para servir a seus filhos de superintendente, de Mestre, e de ayo. (p. 136-137).

No entanto, Martinho de Mendonça (Ibidem), apesar de admitir a educação em colégios próprios para a nobreza, é declaradamente contra a educação em escolas públicas, preferindo o ensino doméstico, enquanto não se criarem esses colégios:

> Recomendamos muito aos pays, que procurem ter em casa Mestres, que ensinem seus filhos a ler, escrever, e Grammatica Latina, e que lhe evitem na primeira idade freqüentarem as Escolas publicas: não por duvidar da grande capacidade, e zelo dos Mestres; mas por conhecer o inevitavel damno, que podem causar alguns condiscípulos. (p. 137-138).

O convívio com companheiros "corruptos", nas escolas públicas, é um inconveniente que, por si só, "devia pezar mais, que o da falta de emulação, e que o do natural encolhimento, que traz consigo o ensino doméstico..."[61]. Todavia, para melhorar as deficiências apontadas no ensino doméstico, o autor sugere um meio termo:

> Hum meyo termo podem buscar as pessoas, que para isso tiverem meyos, procurando, que em sua casa se instruaõ, e aprendaõ com seus filhos, hum, ou muitos meninos bem educados, cuja emulação adiante aperfeiçoe o estudo, e applicaçáõ de seus filhos; e se muitos seguirem este conselho alcançarão outra mayor utilidade para seus netos, a quem alguns destes meninos, assim instruídos, poderão servir de Mestres e de ayos. (Ibidem, p. 139-140).

Para Martinho de Mendonça (Ibidem), a instrução é a parte menos importante da educação e a formação de um moço nobre deveria ter como fim viver prudente e virtuosamente; saber governar a sua casa e a sua família; servir dignamente à Pátria e ao Soberano:

[60] Ibidem, p. 135.
[61] Ibidem, p. 139.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> A verdadeira instrucçaõ, que deve procurar hum Mestre, não consiste, em fazer a memoria do seu Discípulo, hum escuro, e confuso almazem de factos, e de vozes; mas sim em lhe ordenar, e aclarar as noçoens, que correspondem aos mais vulgares termos; costumallo a distinguillas bem, e a conhecer nellas attentamente as proporções, e respeitos, que humas dizem a outras...(...) He verdade, que parece bem, que hum moço nobre tenha uma noticia geral de toda a erudiçaõ, e sciencias, mas naõ lhe he necessário saber miudamente todos os Ritos, e antiguidades de Roma, e Grécia, nem conhecer as propriedades de todas as curvas algébraicas. Para esta summaria, e superficial noticia, basta qualquer Mestre com bons livros... (...) A sciencia de conhecer, e saber tratar aos homens, he a mais útil e a mais difficultosa, para a qual nada conduz de quanto se aprende nas escolas. (pp. 183-186-191).

Como Fénelon, Martinho de Mendonça (Ibidem) quer que o ensino se aproveite da curiosidade e do interesse da criança, sendo atraente, inspirando-lhe "amor" e inclinação a quem ensina e ao que se ensina. Para isso, o mestre havia de ser um companheiro de seus discípulos "tomando o humor dos meninos, e concorrendo para o seu desenfado; de sorte que conheçaõ, que quem os ensina se interessa nos seus brincos, e lhe procura todo o divertimento conveniente"[62] e não como era comum:

> hum velho melancólico, vestido de luto, que affecta huma authoridade dispotica, e dura, e os obriga a estarem em pé sizudos, e immoveis, em quanto dão lição; e em quanto esta dura, a qualquer inadvertência, ou esquecimento segue hum castigo áspero. (p. 145-146).

Adiante, acrescenta:

> Seria mais conveniente, que o Mestre se fizesse criança, para que brincando com os discípulos no meyo da lição, ter occasiaõ de a repetir logo com mayor gosto de quem aprende, do que obrigar a hum menino, a que seja velho antes do tempo. (...) Não he menos conveniente, que as liçoens sejaõ freqüentes, mas breves; de sorte, que nunca por dilatadas fatiguem, reparando, que a mayor fadiga, que se póde dar a hum menino, he obrigallo a que naõ use da inquietaçaõ, e instabilidade natural à aquella idade, tanto a respeito dos lugares do corpo, como dos objectos do entendimento. (p. 153-155).

Segundo o autor, devia-se, além disso, apresentar-lhes o estudo não como "servidão violenta, mas como ventagem, ou privilegio da mayor idade, ou da

[62] Ibidem, p. 149.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

melhor condiçaõ, ou qualidade"[63]. Já prescrevia, também, a importância do estímulo visual afirmando que

> se devia escrever, ou imprimir no melhor papel, e com os melhores caracteres, e encadernar com toda a perfeição, e adorno, usando delle com a mayor suavidade; porque todas estas miudezas, que parecem pouco importantes, conduzem muito para fazer mais agradável o estudo. (...) A Livraria para os meninos, e principiantes deve consistir mais em imagens sensiveis, e agradaveis à vista, que em livros proprios para o estudo, que nem sempre causa trabalho; além de que a imaginaçaõ do que se offerece à vista, imprime mais duravelmente as cousas na memoria; e assim os melhores livros para a primeira idade saõ as estampas da Biblia, as series dos retratos estampados dos Papas, Emperadores, e Reys, de que tambem há medalhas, modernamente cunhadas, que com menos despeza, e difficuldade se achaõ completas; os retratos impressos dos Varoens illustres; as estampas das principaes ceremonias sagradas, e profanas; das antiguidades Gregas, e Romanas; as das cores, e pessas, que compõem os Escudos de Armas das principaes familias; as das partes mais notaveis da Architectura Civil, e Militar, e os riscos dos edificios, e fortificações; os Mappas, Globos, e Esferas; em fim todas as estampas, ou pinturas agradáveis, e instructivas, que os meninos costumaõ pedir repetidas vezes, que se lhe mostrem, explicando o Mestre breve, e claramente a matéria, que ellas offerecem para a instrucçaõ. (pp. 275-202-204).

Voltando ao Mestre, o autor assinala as características e qualidades morais necessárias:

> Basta que o Mestre tenha bons costumes, sem a menor sombra de hypocresia, zelo, e suavidade de genio, que tudo o mais póde adquirir com o tempo, e estudo se tiver curiosidade, e livros; porque devendo-se tomar Mestre, se há de servir de Ayo, ao menos, antes que o menino tenha quatro annos, e sabendo commummente os que se offerecem para este emprego ler, e escrever, e Grammatica Latina, tem tempo, em quanto ensina estes principios, de adquirir a noticia da Geografia, Historia, e alguma tintura da Mathematica. Bondade zelo, applicaçaõ, paciencia, e suavidade, saõ as qualidades de que mais se necessita. (Ibidem, p. 178-179).

A infância, para Martinho de Mendonça (Ibidem), tinha características muito próprias e a educação deveria considerá-las em seus métodos, permitindo à criança ser criança, o que consistia em idéias singulares para a época:

> Ninguém deve esperar de hum menino a sesudeza, aplicaçaõ, e discurso de hum homem: o verdadeiro caracter próprio da infância consiste na inquietaçaõ, na inadvertencia, e na imperfeiçaõ do discurso; os erros, que delle nascem devemse advertir com doçura, e naõ castigar com rigor. (p. 166).

[63] Ibidem, p. 155.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Martinho de Mendonça (Ibidem) propõe para um menino nobre que, logo que a criança saiba falar, já comece a aprender a ler e que as primeiras atividades de leitura sejam lúdicas, estando essas lições do ABC mais para "desenfado"[64] do que para estudo ou ocupação séria:

> Para fazer divertimento dos principios de aprender a ler, se inventaraõ alguns artificios, como saõ huns polyedros de marfim com 24. faces, e nellas escritas as figuras das letras, ou da mesma sorte em quatro dados ordinarios, com que se póde formar hum jogo, que intertenha os meninos jugando com elles, ou entre si a familia para lhe causar appetite, e lhe acenda a curiosidade. Não diverte mais jogar, ganhando quem lança mayor ponto nos dados ordinarios, que quem lançar alguma letra, ou syllaba que se assentar entre os que jogaõ: se repararmos, que o jogo das pedrinhas, que usaõ muitas crianças, necessita de cuidado, applicaçaõ e destreza, e com tudo se divertem nelle largo tempo, naõ duvidamos da utilidade deste meyo de fazer agradável a instrucçaõ. Também nas cartas de jogar se podem pôr as letras com symbolos sensiveis, como alfabeto de Joaõ de Barros, A arvore, &c. e partidas as cartas de cada hum em quatro, jogar a quem nellas descobre letras, que constituaõ alguma dicção. (...) depois de se saber o ABC, e as principaes combinações das letras, se costuma ensinar os meninos a ler alguns nomes, e será util continuar a idea de objectos sensiveis, e que estes nomes fossem de animaes, e artefâctos communs, e conhecidos, cujas figuras bem dibuxadas adornassem o papel em que estaõ escritos; e pelo tempo em diante, escolher entre as fabulas, ou apólogos de Esopo, Phedro Lafontaine, os mais naturais para se escreverem, ou imprimirem, estampando-se as figuras; porque o gosto, com que os meninos ouvem semelhantes contos, e vem quaesquer estampas, augmentará a curiosidade de ler de sorte, que naõ se contentaráõ com huma fabula em cada liçaõ, desejaráõ passar logo a outra. (pp. 251-253, 257-259).

Só depois de saber ler é que o menino aprendia a escrever, não sendo a aprendizagem da leitura e da escrita processos simultâneos. Como processo prático de aprender a escrever, sugere este: "pode o menino exercitarse, cubrindo de tinta preta varios trelados de boa fórma de letra impressa em cor vermelha"[65]. A seguir, deveria ser ensinada aos meninos a língua francesa, pois seu conhecimento não poderia faltar a um menino bem educado, bem como, posteriormente, deveria se preferir o ensino do idioma "Inglez", "pelo grande numero de livros doutos, e profundos, que naquela Ilha se escreveraõ, e escrevem sempre, principalmente na Mathematica fisica experimental, e Historia natural, pela mayor parte na lingua vulgar"[66]. O menino nobre aprenderia, também, o

[64] Ibidem, p. 249.
[65] Ibidem, p. 261-262.
[66] Ibidem, p. 267.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

latim, mas de um modo vivo, pela conversação direta "pelo mesmo methodo, que Cícero, ou Livio!"[67]

Martinho de Mendonça (Ibidem) propunha, ainda, que fossem ensinadas aos meninos nobres, pelo mestre que serviria de amo ao discípulo, desde antes dos quatro anos, a "Grammatica da lingua Portuguesa"; apenas regras gerais da Retórica, pois "depois que os Oradores naõ fallaõ a huma plebe grosseira, e rude, perdeo muita força a Rhetorica..."[68] e a "Arithemetica, Geometria e Trigonometria", além da Geografia, História, Línguas, Ortografia e Cronologia, entre outras. A dança, assim como a arte de andar a cavalo, não poderiam faltar na educação do menino nobre e, desde a mais tenra infância, deveria se inculcar nos meninos os fundamentos das leis, acostumando as crianças a sua observância. Arrematavam a educação prescrita por Martinho de Mendonça (Ibidem), as noções de Teologia e Direito Divino.

Segundo Fernandes (1978), embora os horizontes sociais de Martinho de Mendonça (1734) fossem mais limitados do que os outros documentos nacionais de seu tempo, seu pensamento "enraíza profundamente na experiência concreta do pai de família educador"[69], trazendo bases concretas para nortear a educação das crianças.

Em 1760[70], Antônio Nunes Ribeiro Sanches, outro autor português preocupado com a educação das crianças, publica *Cartas sobre a educação da mocidade,* certamente, influenciado pelas idéias de Martinho de Mendonça, pois as mesmas são citadas e elogiadas por três vezes. Apesar da influência constatada, as Cartas de Ribeiro Sanches apresentam uma contextura muito diversa dos Apontamentos de Martinho de Mendonça. Entretanto, na análise de ambas, Gomes (1964) afirma que o programa que Sanches traça para o Colégio de Nobres é sensivelmente igual ao que Martinho de Mendonça escreveu para a educação doméstica de um menino nobre. Assim como Martinho de Mendonça, Ribeiro Sanches (1760) critica as escolas públicas:

> Pois que em Portugal está introduzido que os Meninos e rapazes sayaõ todos os dias da casa de seos Pays ir aprender nas Escolas publicas, ler e escrever, e o latim,

[67] Ibidem, p. 269.
[68] Ibidem, p. 287.
[69] FERNANDES, Rogério. *O pensamento pedagógico em Portugal.* M.E.C. Secretaria de Estado da Cultura, 1978, p. 57.
[70] Data da primeira edição em Colónia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> seria mui censurada a resolução de prohibir esta sorte de Discípulos e Estudantes. Admirome por tanto no Santo zelo e fervor, que tantos bons e pios Ecclesiasticos mostráraõ para promover a Santidade dos bons Costumes, que naõ reparassem até agora na origem de tanto vicio e dissoluçaõ da Mocidade Portugueza, para dar-lhe o remedio mais efficas! He impossivel que naõ estejaõ persuadidos que nas Escolas publicas aprendem muita ruimdade e maldade: a sua propria experiencia os convenceria. Disgraçadamente quem podera remedear este dano naõ foi educado nas Escolas publicas: **porque a primeira Nobreza e a Fidalguia todos daõ Mestres particulares a seos filhos, que aprendem em caza dos Pays;** e naõ podem jamais vir no conhecimento da destruiçaõ dos bons costumes, que se adquire em quanto os Meninos e os Rapazes frequentaõ as Escolas do modo referido.(...) Sahindo cada dia de caza duas vezes tem occaziaõ estes Estudantes de se communicarem, e de aprenderem todos os maos costumes do povo, e queyra Deos que naõ aprendaõ tão bem os vicios; o certo é que naquela liberdade em que vao á Escola, e voltaõ para suas cazas, adquirem desobediencia, preguiça, rudez e obstinaçaõ que observaõ nelles os Mestres, talves faltando ás classes por sua culpa, talves desculpandose com mil mentiras por semelhantes faltas. (p. 320 – grifo meu).

Apesar dos inconvenientes imputados às escolas públicas, Ribeiro Sanches (Idem) também aponta as deficiências do ensino doméstico, preconizando, como seu antecessor Martinho de Mendonça (1734), a necessidade de criação de um Colégio para Nobres:

> ...esta educaçaõ [doméstica] pode fazer hum rapaz hum pio Chistaõ; podera ser instruido naquelles conhecimentos que dependem da simplez memoria, mas sempre lhe faltara a emulaçaõ, que eleva o juízo, para se adiantar aos seos iguais; sempre lhe faltara a imitaçaõ, pelo qual se formaõ as ideias mais completas das acçoens e das obras dos Mestres e Governadores publicos, que sempre influem no animo muito mais, do que tudo o que disser ou obrar o **Mestre domestico**; deste modo ficará sempre o natural destes meninos acanhado e encolhido, faltando lhe o trato e o conhecimento da vida civil; **quando acabaõ aquelles estudos domésticos, ou ficaõ ignorantes, ou nos costumes da vida civil meninos, ou com o animo depravado; felicidade grande será que não fiquem estragados os costumes, pela companhia dos Criados e dos Escravos**: se os Pays foraõ taõ cautelozos que evitáraõ este ordinario precipicio, cayem em outro, taõ contrario ao bem commum, como a pedra dos bons costumes, a sua consciencia e a sua conservaçaõ; ficaõ estupidos, cheyos de vaidade, naõ conhecem por superior mais que seos Pays, porque não tem a minima idea da subordinaçaõ que deve ter como subdito e como Christaõ. (...) D'esta origem provem que a nobreza e Fidalguia de hoje empregada nos cargos e nos governos, quando chega áquella idade, onde começaõ a descahir as forças, e a constituiçaõ com achaques. Na idade de quinze ou vinte annos, como a sua educaçaõ foi domestica, tem da vida civil tanto conhecimento como hum menino... (p. 340-341 – grifo meu).

Apesar do grande número já existente de publicações voltadas para a educação de crianças e jovens, principalmente descrevendo métodos e procedimentos para serem aplicadas à educação doméstica e aos seus mestres, é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

na França, com Jean-Jacques Rousseau, que surge a obra que irá, marcadamente, influenciar os educadores e filósofos, a partir de então.

Jean-Jacques Rousseau, como alguns de seus antecessores, era bastante tributário das idéias de Locke. Em 1762, apresenta na França a primeira edição do seu "Émile ou de L'Éducation". A obra de Rousseau foi imediatamente traduzida em algumas nações européias, como a Alemanha e a Inglaterra, produzindo uma influência que se manifestou profundamente nos educadores e filósofos da época.

Rousseau que fora preceptor e já havia escrito algumas de suas idéias sobre educação, por vezes, parece um escritor tão astucioso quanto o preceptor de Emílio. Na educação de Emílio, descrita por Rousseau, prescrevia-se que o preceptor de uma criança deveria ser jovem, "e até mesmo tão jovem quanto pode sê-lo um homem sábio"[71]. Além disso, o preceptor ideal deveria ter apenas um discípulo e conduzir somente a sua educação, pois iria acompanhar seu pupilo por toda a vida desde antes do seu nascimento. Segundo Rousseau, é importante para o preceptor e seu discípulo, que "se façam amar um pelo outro" e que esse amor já esteja iniciado na espera do mestre pelo nascimento do discípulo.

Assim como o preceptor, a ama-de-leite dada ao recém-nascido deveria ser única e acompanhá-lo por toda a vida, pois "é impossível uma criança que passe sucessivamente por tantas mãos diferentes ser bem educada"[72]. A criança só deveria conhecer, além dos pais, o preceptor e a ama-de-leite e, assim mesmo, "as pessoas dos dois sexos que a educam"[73] deveriam estar tão de acordo sobre a criança e procederem da mesma forma, que, "para ela, os dois sejam um só"[74]. O "preceptor não é um empregado, mas o amigo do pai"[75], que irá, juntamente com a ama, acompanhar toda a primeira fase da vida da criança.

Só havia uma ciência a ser ensinada às crianças, a dos deveres do homem[76]. O discípulo deveria honrar seus pais, mas obedecer apenas ao preceptor, com o qual estaria constantemente junto, tornando-se inseparáveis, de tal modo que "o destino de seus dias sempre fosse entre eles um objeto comum"[77]

[71] ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 29.
[72] Idem, p. 38.
[73] Ibidem, p. 38.
[74] Ibidem, p. 38.
[75] Ibidem, p. 40.
[76] Ibidem, p. 29.
[77] Ibidem, p. 31.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Rousseau, para a segunda fase da vida, "aquela onde acaba propriamente a infância"[78], propõe uma educação rigorosa, na qual o discípulo aprenderia a conviver com o sofrimento, pois "sofrer é a primeira coisa que ele deverá aprender, e a que ele terá maior necessidade de saber"[79]. À educação moral e à formação do caráter deveria se dar primazia sobre a instrução. Apesar do rigor no proceder do preceptor para com o discípulo, Rousseau condena o regime severo e duro imposto às crianças, bem como a instrução de pura memória, que não dá a razão às coisas, preconizando que o trabalho fosse atraente e do interesse da criança. Além disso, Rousseau condenava os livros e estabelecia que se começasse os estudos pela experiência direta. Para o autor:

> Um preceptor pensa mais em seus interesses do que nos de seu aluno; tenta provar que não está perdendo tempo e ganha bem o dinheiro que lhe dão; oferecendo-lhe um saber de fácil exibição, que se possa mostrar quando se quiser; não importa que o que lhe ensina seja útil, contanto que seja facilmente visível. Amontoa, sem escolha, sem distinção, cem coisas em sua memória. Quando se trata de examinar a criança, fazem-no desembrulhar sua mercadoria; ele a exibe, todos ficam contentes; em seguida, ele embrulha de novo o pacote e vai embora. (ROUSSEAU, 1999, p. 199).

A educação de Emílio seria diferente, pois "é preciso que se tenha muito juízo para se poder avaliar o de uma criança". Rousseau ilustra o que seria a educação ideal realizada por um preceptor, através da seguinte história apresentada:

> Ouvi o falecido milorde Hyde contar que um de seus amigos, de volta da Itália depois de três anos de ausência, quis examinar os progressos do filho, que tinha entre nove e dez anos. Uma tarde, vai passear com o preceptor e ele numa planície em que alguns colegiais se divertiam empinando pipas. De passagem, o pai diz ao filho: *Onde está a pipa cuja sombra está ali?* Sem titubear, sem erguer a cabeça, a criança diz: *Na estrada*. E, de fato, acrescentava milorde Hyde, a estrada ficava entre o sol e nós. Diante da resposta, o pai beija seu filho e, terminando ali seu exame, vai embora sem nada dizer. No dia seguinte enviou ao preceptor os papéis para uma pensão vitalícia, além dos seus ordenados. (Idem, p. 200).

A educação ideal e o preceptor único, preconizados por Rousseau, exerceram significativa influência nos tratados e práticas de educação que se seguiram ao "Emílio". No entanto, apesar de terem tido grande sucesso na época, as idéias de Rousseau, interpretadas de diversas maneiras, foram aplicadas de

[78] Ibidem, p. 65.
[79] Ibidem, p. 66.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

forma extremada por preceptores que se diziam seguidores de Rousseau, por vezes, distanciando-se notadamente de suas recomendações principais, entre elas a de "formar um homem livre, capaz de se defender contra todos os constrangimentos", para isso havendo apenas um meio: "tratá-lo como um ser livre, respeitando a liberdade da criança".

Afastando-se das idéias de Rousseau e voltando a Portugal, outra obra clássica utilizada para nortear os ensinamentos dos mestres é *Breve desenho da educação de hum menino nobre*, que data sua impressão de 1781, escrita por Frei Joseph Caetano Brandão. Nela o autor faz a defesa da educação dos meninos e tece considerações acerca dos ensinamentos e dos mestres que iriam aplicá-la:

> A Boa educação he o mais nobre patrimônio, que os Pais podem deixar a seus filhos: tão grande he a força, que ella tem sobre os ânimos, que se pode com razão chamar segunda natureza: seria para desejar que desde o berço não assistissem aos meninos senão pessoas, que com a decência de suas palavras, e acções lhe inspirassem a virtude, e que as mesmas amas, criados, e domésticos, em lugar de grossarias, e vícios de costumes, e de linguagem, os ensinassem a fallar com decoro, e pureza. (p. 3).

As instruções previstas estão impregnadas por uma forte religiosidade e um imenso apelo moral, com determinações iniciais de ensinamentos sobre o "Soberano Ser", que vê tudo, governa tudo e assiste em todos os lugares, conhecendo até os mais íntimos pensamentos, devendo os pais ensinar aos meninos a praticarem atos de virtude "porque os ânimos pueris são assemelháveis às tenras e mimosas plantas, que facilmente propendem para onde as movem", e a negligência e o descuido dos pais fariam com que os mesmos respondessem por isso diante do "Eterno Juiz" e fossem responsáveis pela desgraça eterna de seus filhos[80]. Cabia aos pais "acostumar" os filhos "ao bem desde os primeiros annos", assim como:

> examinar com summo desvello a sua índole, e talento, e assim destiná-los ao gênero de vida, para que forem idôneos e aptos; porque não há tyranno mais cruel, do que hum Pai, que para fazer feliz hum filho, faz todos os mais desgraçados, forçando-os a tomar estados contrários àquelles, para que a summa Providência os destina. (BRANDÃO, 1781, p. 6).

[80] BRANDÃO, F. J. C. *Breve desenho da educação de hum menino nobre.* Lisboa: Imprensa Régia, s.d. (Licença de impressão: 1781), p. 4-5. Em 1784, Frei Joseph Caetano Brandão parte para o Brasil, designado Bispo do Pará, escrevendo, posteriormente, suas memórias relativas a esse período.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

Quanto aos ensinamentos e método, Frei Caetano Brandão (1781) preconiza que os meninos primeiro exercitem as "faculdades d'Alma"[81], que neles mais predominam, como a imaginação e a memória, devendo aplicar-se a ler e a escrever "formosa e gentilmente" e, ainda, a estudar geografia, a história da religião e do seu País "as quaes são digníssimas de serem sabidas de qualquer homem de bem"[82].

Devem, depois, aprender a gramática da sua língua "que lhe facilitará a intelligencia da Latina, e das estrangeiras". Para esses ensinamentos, os pais deviam buscar "mestres insignes em todas estas matérias", "apezar de premios avultadissimos"[83], o que significa que tais mestres tinham um custo bastante alto.

A principal recomendação era quanto ao mestre de "Sciencia da lingua vernacula" para que os meninos se acostumassem a falar "sempre nobre e elegantemente". Seguem-se a esses ensinamentos, a língua latina, a retórica e a filosofia. Para os meninos que seriam destinados ao comércio ou a outros cargos da República, "que não necessitão freqüentar a Universidade, utilmente se instruirão nestes estudos: porque delles pende a perfeição, e ornamento do Espírito, e o mais completo desempenho das suas obrigações, assim públicas como domésticas, e a felicidade das Nações"[84], porque:

> (...) assim como a ignorância he a fonte copiosissima de todo o gênero de males, assim a Sabedoria he a origem puríssima de todos os bens**. Felizes os Pais, que generosamente dispenderem seus Patrimônios nesta educação dos filhos,** felizes os filhos, e felizes as Respublicas, que tiverem a dita de possuir Pais tão vigilantes, e filhos tão instruídos. (BRANDÃO, 1781, p. 6 – grifo meu).

Segundo o autor, os pais não deveriam medir esforços financeiros para a educação de seus filhos, contratando mestres competentes e investindo seu patrimônio neste "mais nobre" fim.

Frei Caetano Brandão (Idem), ao contrário de alguns de seus antecessores citados, é um adepto defensor da educação doméstica, estimulando a instituição da preceptoria, desde que feita por mestres qualificados, recomendando que se instalasse definitivamente nas casas nobres européias, bem como nas casas de

[81] Idem, p. 6.
[82] Ibidem, p. 7.
[83] Ibidem, p. 6.
[84] Ibidem, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

classes média e média-alta, cumprindo não só os ensinamentos prescritos, mas assumindo o próprio lugar dos pais na educação dos filhos.

Frei Caetano Brandão (Ibidem) foi, ele próprio, preceptor do método de língua latina de infantes como expõe em sua *Syntaxinha Ericeiriana*: "Encarregado (honra que eu não merecia, e que não podia aspirar) de dar o methodo para aprenderem a língua Latina os Senhores D. Fernando e D. Henrique de Menezes"[85]. A seguir, faz críticas à escolha dos mestres praticada por certos pais:

> (...) maior cuidado tem os homens dos seus cavalos, e outros animais, que de seus próprios filhos: porque o ensino destes commettem a qualquer mestre, que se lhes offerece, sem lhe examinarem a capacidade; e o cuidado e o trato daqueles excita o dono a fazer averiguação do préstimo, e partes daquele, a quem há de dar a incumbência. (BRANDÃO, 1781, p. 2).

Por certo, a escolha de mestres parece ser a principal preocupação de Frei Caetano Brandão em seu prólogo, adiante, chamando atenção para:

> No nosso Portugal há mais ocasiões deste descuido dos filhos: porque não sendo a maior parte dos pais apta para o acerto da eleição do mestre, indecisos na escolha buscão quase sempre o menos apto, talvez por mais paroleiro. (Idem,p. 3).

E ainda, citando João de Barros, no *Diálogo* que fez em louvor da "linguagem" portuguesa, acrescenta:

> Huma das cousas menos oulhada, que há nestes Reinos he consentir em todas as nobres Vilas, e Cidades qualquer idiota, e não aprovado em costumes de bom viver, por escola de ensinar mininos. E hum capateiro, que he o mais baixo ofício dos macanicos, não põe tenda sem ser examinado. E este todo o mal, que faz he danar a sua pele, e não o cabedal alheio**, e maus mestres deixam os discípulos danados para toda a sua vida**. (Apud BRANDÃO, 1781, p. 4 – grifo meu).

No Brasil, apontam as fontes que os preceptores estrangeiros, tanto para nortear sua conduta pedagógica, como para ensinar às crianças, utilizavam obras de seu país de origem e de seus filósofos e pedagogos preferenciais.

Mesmo com as limitações próprias do contexto existente, alguns livros fizeram parte da educação de Oitocentos, principalmente publicações francesas, alemãs, inglesas e portuguesas, como as exemplificadas, espalhadas por diversas

[85] BRANDÃO, F. J. C. *Syntaxinha ericeiriana.* Lisboa: Oficina Joaquinianna, 1735, p. iv.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

regiões do Brasil, através dos mestres preceptores que carregavam consigo sua "bagagem" pedagógica, constituída de livros e manuais de como ensinar.

Nos jornais da Corte no século XIX, encontram-se referências a essas obras de literatura pedagógica, constantes do acervo das livrarias existentes e, como tal, provavelmente, usadas no Brasil para a educação doméstica praticada.

Entre as obras de literatura, utilizadas na educação doméstica, que são constantes do catálogo de livrarias da Corte encontra-se um livro muito conhecido e utilizado na educação de meninas em outros países da Europa, chamado *Thesouro de meninas ou diálogos de uma sabia aia e suas discipulas*[86], escrito por uma preceptora francesa chamada Madame Le Prince de Beaumont, que ensinou durante dezessete anos em casas de várias jovens ladies, na Londres de 1748 a 1770, publicado em Portugal, em nova edição, em 1883, traduzido por Joaquim Ignacio de Frias. A obra é apresentada como *Diálogos nos quais refletem e falam as meninas, segundo seu gênio, temperamento e inclinações de cada uma, e representando-se os defeitos da sua edade, se mostra de que modo se podem emendar*. Compreende também, *um compêndio da História Sagrada, da Fábula e da Geografia e alguns contos morais para entreter as meninas agradavelmente*, sendo, afirma o tradutor, *tudo escrito em estylo simples e proporcionado aos seus tenros anos.*

No prólogo, o tradutor Padre Joaquim Ignacio de Frias demonstra uma intensa admiração pela obra, conceituando-a como inspiradora da virtude, esclarecedora do espírito da gente moça e útil ao Estado na formação de cidadãos ilustres. Segundo o tradutor, este deveria ser o primeiro livro a ser dado a um menino ou a uma menina que deseje aprender as letras, como era feito em Londres e Paris, ao invés de submeter as crianças a outros saberes que só poderiam lhes fazer mal:

> Desejo que com este pequeno serviço veja eu daqui em diante saírem das primeiras escolas meninos, ainda tenros nos anos, mas provectos na virtude, e livres **daqueles prejuízos, com que os pais, amas, e mestres lhe desordenavam o cérebro, e que se não acabavam com eles, ao menos custavam muito a desarraigar-se-lhes na edade madura. (**BEAUMONT ,1773, p. VII – grifo meu).

[86] Constante do catálogo de GARNIER IRMÃOS, livreiros, rua do Ouvidor, n. 69, anunciado como: "têm a honra de participar que acabão de receber um completo sortimento de livros classicos adoptados nas aulas deste imperio, os quais vendem por preços muito commodos". Cf. *Jornal do Comércio* 05/01/1849, p. 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

O livro foi composto em francês para que as discípulas de Madame Le Prince de Beaumont aprendessem esse idioma ao mesmo tempo em que "emendassem os seus defeitos, fizessem hábito de virtude e enriquecessem os seus entendimentos", tornando-se "dóceis, obedientes e virtuosas"[87]. A grande apreciação dessa obra estaria na utilização de contos de fadas, fábulas e histórias e na clara diferença que a autora fazia entre eles, o que tornava os primeiros não "nocivos", pois os meninos ficariam capacitados para entender que um conto é "uma coisa fingida para entreter gente moça" e, com isso, prevenia que lhes sobreviesse "o mesmo dano que dos contos das amas, que só servem de perturbar-lhes a imaginação, e fazer-lhes conceber medo de coisas que de si são indiferentes"[88]. A leitura levá-los-ia a "criar horror ao vício" e às ações tidas como más, fazendo-lhes "amar a virtude, perder os maus hábitos, e despir os prejuízos que beberam com o leite"[89].

Dessa forma, o tradutor português vê na obra indicada, o livro mais apropriado que já havia sido feito, bem como um remédio para os males que, se deduz, eram causados pelas amas de leite e por outras pessoas não preparadas, com as quais as crianças conviviam desde tenra idade. A maneira de conter os danos causados era receber "os mais sólidos princípios para viverem cristã e civilmente, sem hipocrisia e fanatismo"[90], aprendendo a conhecer Deus e os seus atributos e,

> (...) o amor que lhe devem e ao próximo; a obediência e respeito aos pais, mães, e superiores; as relativas obrigações, que prescreve o direito natural, tanto para com os que lhe são superiores, como para com os que lhes estão sujeitos; e isto não com razões metaphysicas , mas por fatos certos, e tirados da História Sagrada. Ensina mais este precioso livro aos meninos a darem liberdade aos seus discursos, e a refletir retamente ; e como nós naquelas edades fazemos mil perguntas, nascidas da nossa admiração, estas mesmas se acham nestes diálogos (...); e como madame Leprince sabia que um menino pode aprender muito, se se lhe responde a tempo e prudentemente, não deixa pergunta alguma sem a sua resposta natural e clara**.** **(**BEAUMONT ,1773, p. IX).

[87] BEAUMONT, Mme. Le Prince de. *Thesouro de meninas, ou diálogos entre huma sábia aia, e suas discípulas.* Tradução do francês pelo Padre Joaquim Ignacio FRIAS. 4 ed., 2 vols., Lisboa: Typographia e Lytographia Portugueza, 1883, p. VII-VIII.
[88] Idem, p. VIII.
[89] Ibidem, p. IX.
[90] Ibidem, p. IX.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

O prólogo é finalizado recomendando-se a leitura aos pais, amas e mestres para que aprendam o "verdadeiro segredo da educação", mostrando-lhes "em que deve consistir a ternura e indulgência para com os filhos, alunos e discípulos"[91].

A história contada inicialmente nesta obra tem como personagem uma donzela órfã, educada num colégio cuja mestra morreu, deixando-a desamparada, que busca, na Londres de 1748, um emprego de substituta em um colégio. A jovem órfã vê malogradas suas tentativas, por conta de acharem-na muito moça para tal função.

Essa passagem remonta, ao que já foi constatado anteriormente neste estudo, que as funções de professora, em colégios, mesmo quando substituta, ou de mestras, quando se tratava da educação doméstica, estava estereotipada para uma determinada condição feminina, ou seja, mulheres não muito jovens ou velhas, mas que demonstrassem experiência suficiente para que lhes fosse confiada a educação de meninas ou meninos.

As aulas ministradas pela aia a suas discípulas, narradas por Madame Beaumont, nessa obra, aconteciam normalmente à tarde, quando a menina, em cuja casa trabalhava a preceptora Bonna, personagem central da narrativa, recebia suas amigas para juntas escutarem as lições.

Cada mestre era pago por suas aulas e, em um dos diálogos apresentados entre as meninas, uma delas queixa-se de que o dinheiro gasto todo o mês com o mestre de geografia, poderia comprar-lhe as "mais lindas coisas que houvesse", que a entreteriam muito mais do que o mestre que a aborrecia "por morte"[92], e, desde que o via, principiava, descontroladamente, a abrir a boca; dito isso à mãe, esta tê-la-ia repreendido, fazendo-a aborrecer-se mais ainda com o mestre e a geografia.

As tais aulas de geografia, quando dadas pela aia, pareciam mais agradáveis, partindo de histórias e envolvendo as meninas com exemplos concretos. Um dos relatos dessas aulas refere-se aos astros e aos movimentos da Terra:

> (...) Vedes aquele homem lá ao longe? E não vos parece ele um rapaz? E por que é isto, senão porque está distante? Quando nós vemos as coisas de longe, sempre nos parecem pequenas: e por isso a lua estando muito distante engana a nossa vista por causa da sua mesma distância. Vós direis que a lua está suspensa no ar, e que anda

[91] Ibidem, p. X.
[92] Ibidem, p. 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> ou gira; porém sabeis vós que a terra, onde estamos, está também suspensa no ar, e gira continuamente? (...) gira ela tão depressa, e tão igualmente, que vos leva consigo sem que vós percebais; e enquanto faz este giro, parece-vos que vedes correr o sol, que todavia fica firme. E eis aqui o que faz o dia e a noite; pois como a terra gasta vinte e quatro horas no seu giro, quando ela nos traz para onde vemos o sol, é dia, e quando nos leva para outro lado, é noite.(...) O sol, menina, luz sempre; mas quando ele se põe para nós, isto é, quando nós deixamos de o ver, nasce, ou aparece aos povos da América, que o começam a ver da sua parte. Ora os antigos não conheciam a América, e ignoravam que a terra fosse redonda e habitada toda em roda como eu vos vou mostrar em um globo (...)**. (**BEAUMONT ,1773, p. 295-297).

As lições eram entremeadas por histórias bíblicas, que serviam para ilustrar ensinamentos morais e inculcar valores, como a aula narrada a seguir:

> Deus é ainda tão justo, e tão inimigo dos maus, meninas, como o era naquele tempo; e se aqueles que desobedecem aos seus Mandamentos não são sepultados vivos no inferno é certo que serão depois de mortos: o que deve imprimir nas nossas almas o aborrecimento da culpa, e o temor de Deus, e o pecado, segundo as palavras de Christo: Não temais aqueles que não podem fazer mais que tirar a vida; mas temei aquele que pode perder o corpo e a alma, e precipita-los no inferno**. (**BEAUMONT ,1773, p. 303).

A própria preceptora Bonna conta às discípulas suas desventuras como aluna, submetida a alguns mestres:

> Lembro-me que quando era pequena tinha um mestre de escrever bem mau, pois sempre me repreendia, ainda que eu me aplicasse com todo o cuidado. Este mestre era o flagelo, de que Deus se servia para castigar as minhas faltas; e quando eu não sabia a lição, dizia comigo mesma: hoje serei bem repreendida pelo senhor Jorge, que assim se chamava o mestre: então me punha a rogar a Deus, de todo o meu coração, que suavizasse o ânimo deste terrível homem. Ouvia Deus algumas vezes a minha súplica; mas a maior parte das vezes era castigada por escrever tudo mal. Queixava-se o mestre disto a minha mãe, a qual em castigo me deixava fechada em casa enquanto ela e minhas irmãs iam passeiar. (BEAUMONT, 1773, p. 310).

Madame Le Prince de Beaumont publicou ainda, entre outras obras dedicadas às crianças, em 1757, *O armazém das crianças (Le magasin des enfants)*[93]*,* livro em quatro volumes que vai obter enorme êxito e divulgação em toda a Europa.

O armazém das crianças tem um prólogo da autora que explica a gênese da sua obra. Após a sua experiência como educadora na Inglaterra, chega à conclusão

[93] Obra traduzida para o português, também constante do catálogo da livraria de GARNIER IRMÃOS, rua do Ouvidor, n. 69. Cf. *Jornal do Comércio* 05/01/1849, p. 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

de que o aborrecimento das crianças provém do gênero de livros que lhes são dados, que são inadequados e aborrecidos para elas. Além de interessantes e apropriados à idade das crianças que os lêem, segundo Madame Le Prince de Beaumont, os livros deveriam servir para ensinamentos úteis, como exemplifica a autora: quando suas discípulas lêem o conto do *Barba Azul,* a mestra dispõe do meio necessário para fazer compreender às meninas os inconvenientes de um casamento feito por interesse, os riscos da curiosidade e "os males que podem vir do fato de não aceitarem um capricho do marido".

O armazém das crianças ou Diálogos de uma directora sabedora trata-se de uma história na qual as crianças vão passear no jardim com sua aia, "a diretora de estudos", "ou chamemos-lhe antes preceptora". Antes de merendar, a preceptora conta-lhes um conto, e depois, durante o passeio, observam as plantas e a natureza. Por vezes, o conto dá origem a reflexões morais ou sobre a história antiga; outras vezes, a menção a determinado lugar, faz com que a preceptora lhes dê explicações de caráter geográfico.

Madame Le Prince de Beaumont escreveu e publicou outros tantos livros, todos bastante divulgados, principalmente na Europa da primeira metade do século XIX, e alguns constantes dos catálogos das livrarias da Corte, entre eles *Bibliothèque instructive* em 1767, *La nouvelle Clarisse* em 1770, *Le mentor moderne e Le Manuel de la jeunesse* em 1773.

Assim como Madame Le Prince de Beaumont, a preceptora Madame de Genlis escreveu sobre a educação das crianças e exerceu enorme influência em outros mestres, não apenas por sua obra, mas também pela grande quantidade de imitadores que teve. Encarregada da educação dos filhos do Duque de Valois, Madame de Genlis escreveu livros que são um misto de lições educativas e entretenimentos literários recreativos para essas crianças, cuja educação lhe estava confiada, numa época em que escasseiam as obras desse gênero. Em 1779, escreve *Théâtre a l'usage des jeunes personnes (Teatro para uso dos jovens)* e, em 1782, *Adèle et Théodore ou lettres sur l'éducation (Adélia e Teodoro ou cartas sobre a educação),* de certa forma inspiradas em Madame Le Prince de Beaumont.

Madame de Genlis era contra os contos de fada, a respeito dos quais dizia que príncipes e princesas belas e enamoradas são prejudiciais, pois essas fantasias dão idéias falsas às crianças. Segundo a preceptora, o que é verídico é mais útil e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

aumenta a atenção dos ouvintes. No final de *Adélia e Teodoro ou cartas sobre a educação,* a autora indica o programa de leitura seguido por Adélia desde os seis até aos vinte e dois anos. Conforme esse programa, Madame de Genlis ensina as suas alunas a ler, aos 6 anos, preparando-as durante seis meses, "fazendo com que leiam pequeninos trabalhos que possam compreender, obras pueris próprias para a infância, e não para conhecimento público". Em seguida, Adélia lê a *História de Cefisa,* uma menina "simpática e obediente"; mais tarde, lê a Bíblia, as *Conversas de Emílio* e os *Contos morais* de Mr. Monget, escritos em verso e, na sua opinião, cheios de graça. Aos 7 anos e meio, lê *Dramas e diálogos para crianças,* de Madame La Fite, em seguida as *Comédias do Teatro de Educação, Agar no deserto, os Frascos, a Pomba, o Menino mimado, o Cego de Spa, Robinson Crusoe, The beauties of History (Maravilhas da história), a Imitação de Jesus, Father's instruction to his children (Ensinamentos de um pai para os seus filhos).*

Em 1784, Madame de Genlis publica *Les veillées du Chateau (Os serões do castelo),* cujo subtítulo explica o conteúdo: "novelas e histórias sumamente úteis para que as mães de família, a quem a autora as dedica, possam instruir os seus filhos, juntando o útil ao agradável"[94]. Em 1791, publica *Leçons d'une gouvernante à ses élèves (Lições de uma preceptora aos seus alunos).*

Em 1802, Madame de Genlis publica um *projecto de uma escola rural para a educação das meninas;* e ainda, *Contes moraux (Contos morais).*

Durante algum tempo, todos os anos, aparece uma obra nova de Madame de Genlis, muitas delas constantes dos catálogos das livrarias da Corte, durante o século XIX.

As obras referidas, bem como outras tantas literaturas de caráter pedagógico, publicadas entre os séculos XVI e XIX, foram, provavelmente, bastante usadas na educação doméstica. Tais obras eram utilizadas para orientação dos mestres e nas aulas dadas a meninos e meninas e, possivelmente, eram escolhidas pelos próprios mestres, estando limitadas às publicações existentes em cada país.

Os mestres tinham liberdade de escolher as obras tanto para sua condução pedagógica como aquelas que seriam lidas e estudadas pelos alunos. Algumas vezes, os próprios pais adquiriam os livros para serem usados pelos filhos e, não

[94] Cf. BRAVO-VILLASANTE, Carmem. *História da literatura infantil universal.* Lisboa: Editorial Veja, 1977, p. 78.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

raro, um mesmo livro era usado e ensinava as primeiras leituras a duas, três ou mais gerações na família, pois a educação doméstica caracterizava-se, também, pela utilização da literatura existente na Casa, nem sempre apropriada ao fim a que se destinava, ou pela literatura trazida pelo mestre.

Em meados do século XIX, no dia 5 de janeiro de 1849, o *Jornal do Comércio* publica um anúncio da livraria Garnier, localizada na rua do Ouvidor n. 69, que tratava de apresentar as obras à venda existentes naquele estabelecimento.

A chamada do anúncio está colocada "Aos Srs. directores de collegios e pais de família", o que indica ser este o público alvo de tais publicações. Assim como os diretores de colégios, os pais também escolhiam e compravam as obras que seriam utilizadas na educação da Casa. Além disso, a literatura lida pelos filhos devia ter o aval dos pais e, muitas vezes, era oferecida a crianças e jovens como uma forma de melhorar o seu comportamento, emendá-las, ou para incutir-lhes idéias que eles julgavam essenciais.

Os livros oferecidos no jornal não estavam separados por assunto, nem mesmo pelo público a que estava direcionado, encontrando-se livros infantis, compêndios, dicionários, romances, catecismos, aventuras, obras religiosas, clássicas e filosóficas misturadas, sendo a única classificação referente à língua em que a obra estava escrita: portuguez, francez, latim, grego e inglez. Dessa forma, uma vez que eram endereçadas aos diretores de colégios e aos pais de família, pode-se supor que o aspecto inicial mais importante na aquisição do livro era o idioma em que estava escrito e, posteriormente, o seu conteúdo, que, provavelmente, cabia a quem comprava, analisar e verificar sua adequação à faixa etária e ao fim de utilização.

Dessa forma, são livros anunciados pela livraria Garnier em 05 de janeiro de 1849:

> LINGUA PORTUGUEZA: - Grammaticas portuguezas de Lobato, padre Forles, Coruja, Pedro José de Figueiredo, Monteverde, etc.; Compêndio de historia sagrada, Pequeno catechismo histórico, Catechismo da diocese de Montpellier, Cartilha da doutrina christãa, Modelos para os meninos, Contos a meus meninos, Geographia elementar, dita de Gaultier, Atlas de dita do mesmo, de Balbi, de Andriveau Goujon, etc.: **Fábulas de Esopo, Armazém dos meninos**, Lições de Fenelon, **Mentor dos meninos,** Economia da vida humana, **Livro de ouro dos meninos, Código do bom tom, Thesouro de meninos, dito de meninas**, Historia antiga, dita romana, Annaes de Cornélio Tácito, Orthographia de Madureira, dita de Tristão da Cunha Portugal, Cartas selectas de Antonio Vieira, Prosas ditas, por J. da Fonseca; Syntaxe de Dantas, Plutarco da mocidade, Simão de Nantua, Aventuras de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Telêmaco, Thesouro da mocidade portugueza, Arithmetica de Bezout, Historia da América de Campe, Luzíadas de Camões, Manual Encyclopedico, Manuscriptos de Ventura, Obras de Antonio Maria Barker: Parnaso Juvenil. Bibliotheca dita, Rudimentos arithmeticos, Civilidade christãa, Doutrina dita, Orthographia portugueza, etc., etc.; Dicionário de fabula.
>
> LINGUA FRANCEZA: - Grammaticas francezas de Fonseca, Hahmonière, Constancio, Lhomond, Sevène, etc.; Diccionarios francezes e portuguezes de Constancio, Fonseca, Roquet, etc.; Guias de conversação franceza e portugueza de C. Lopes de Moura, Roquete, etc.; Mestre de francez de Clamopin Durand. Aventuras de Telêmaco, ditas dito com a tradução portugueza ao lado. Obra do abbade Gaultier, Lições de Geographia, Historia santa, dita antiga, dita romana, Atlas geographicos grandes e pequenos, etc.; Obras de Lebas, Historia antiga, dita da idade média, dita romana, etc. Obras de Fleury, Historia de França, (...) Grandeza dos Romanos de Montesquieu, **Fabulas de Lafontaine, de Florian**, etc, Obras escolhidas de Fenelon, de Buffon, etc., Obras de Boileau, Carlos XII de Voltaire, Pequena quaresma de Massillon, Simão de Nantua, Historia antiga de Massellin. Obras de Noel e Chapsal, Grammatica, Diccionario francez, Mythologia, Exercícios, Correção dos mesmos, etc. Grammaticas de Lhommond; Ditas e exercícios de Poitevin, Historia santa de Letellier, Mythologia do mesmo, Historia geral de Levi, dita Romana de Michelet, dita moderna do mesmo, Theatro clássico, Orações fúnebres de Bussnet; Nova abelha do Parnaso, Geographia de Houzé, Paulo e Virginia, J. J. Rousseau.
>
> LINGUA LATINA: Novo methodo de Antonio Pereira, Artinhas do mesmo, Grammatica latina de Verney, Virgillii, Cornelii Nepos. Horalii, Selecta latina, Magnum Lexicon, Diccionario latino e francez, dito Gradus ad Parnasum, Waily, diccionario francez e latino e vice-versa, Homens romanos illustres, Epithome da historia sagrada, dito de dita grega, Tito Livio, Lhommond, grammatica franceza e latina, Andria.
>
> LINGUA GREGA: - Ciropedia de Xenophonte, Ephigenia em Aulide, Vida de Demosthenes, Fabulas de Esopo, Apologia de Sócrates, As philippicas, O Édipo rei. **Todas essas obras tem a traducção franceza ao lado.** Homero illiade, Alexandre, Diccionario grego e francez e vice-versa, Schrevella, Planche, Arte da língua grega por Farta, Grammatica da língua grega.
>
> EM INGLEZ: - Grammaticas inglezas de Constancio, Costa, Vieira, Russel, Midosi, Jaku, Robertson, Sirot; Conversação ingleza e portugueza de Roquete, Diccionarios portuguez e inglez de Vieira, grandes e pequenos, ditos francez e inglez e vice-versa de Boyer, Tibbino e Fleming, Boniface, Nugente, etc. Curso de litteratura ingleza de Robertson, historia de Roma, dita grega, dita de Inglaterra, Class Book, Vigário de Wakefield, etc., etc.. (*Jornal do Comércio*, 05/01/1849, p. 2 – grifo meu).

Já em janeiro de 1869, encontra-se no *Jornal do Comércio* o anúncio de duas livrarias na Corte: a Livraria Garnier e a Livraria Universal. Em ambos os anúncios, constam os respectivos livros à venda e o preço de cada um. Colocados, lado a lado, na página do jornal, com poucas exceções, não continham as mesmas obras, demonstrando que havia variedade e especificidades nos exemplares de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

cada loja. Ambas anunciavam "livros collegiais", o que signicava que eram livros consumidos por alunos dos colégios e das Casas, professores e mestres.

Localizadas uma em frente a outra, não só nos anúncios do jornal, mas no endereço indicado, sendo a Livraria Universal de E. & H. Laemmert, situada na rua do Ouvidor n. 68 e a Livraria Garnier, permanecendo no mesmo endereço desde 1849: rua do Ouvidor n. 69, as duas apresentavam seus livros por autor e concluíam os anúncios com a afirmação "Aos directores de collegios e pessoas que comprarem em porção far-se-há um abatimento razoável".

Os livros oferecidos, ainda, não estavam separados por assuntos ou faixa etária, mas sim, em ordem alfabética, por autor, com o título, o subtítulo, uma breve descrição do conteúdo da obra e uma indicação dos livreiros quanto àquela publicação, finalizando com o seu preço. Predominam, quase que exclusivamente, nos anúncios, publicações francesas, em francês ou traduzidas desta língua.

Algumas obras que constavam do anúncio da Livraria Universal[95]:

> Novo methodo pratico e theorico da língua franceza, Novíssimo guia de argumentação em francez e em portuguez, Novas lições de geographia elementar, aos estudantes da língua franceza, Nova grammatica franceza, (...) completo da conjugação dos verbos francezes regulares e irregulares, Curso de grammatica ingleza, Grammatica elementar da língua latina para uso dos lycêos e collegios, Novo methodo da grammatica latina para uso das escolas, Syntaxe latina ou regência, Elementos de arithmetica, Novo tratado de arithmetica commercial, Historia Universal resumida, Grammatica da língua allemã, Diálogos portuguezes e allemães, Compendio da historia do Brazil, Epíthome da historia do Brazil desde o seu descobrimento até 1837, Os Luzíadas de Luíz de Camões, Educação das mãis de famillia de Aimé Martin ou a civilização do gênero humano pelas mulheres, Nova historia sagrada do antigo e novo testamento, Curso pratico de pedagogia de Daligaul. (p. 2)

Obras constantes do acervo da Livraria Garnier[96] (colocadas em anúncio junto ao da Livraria Universal):

> Grammatica portugueza da primeira Edade, Compendio de grammatica portugueza, Catechismo da doutrina christã, Historia sagrada (...) para uso da infância, Curso elementar de (...) nacional, Elementos de álgebra, A língua franceza ensinada pelo systema (...), Novo systema para se estudar a língua latina, Compendio da historia da idade media, Novo methodo da grammatica latina, reduzido a compendio, Noções sobre o systema métrico decimal, Breves noções de geometria elementar,

[95] Cf. *Jornal do Comércio*, 18/01/1869, p. 2.
[96] Cf. *Jornal do Comércio*, 18/01/1869, p. 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Méthodo fácil para aprender a ler em 15 lições ilustrado com numerosas estampas, Explicação do systema métrico decimal, Partidas de arithmetica para meninas, Breves noções para (..) com methodo a geographia do Brazil, Compendio da historia antiga, Compendio elementar de methodologia para uso das escolas primarias, Catechismo histórico, dogmático moral (...) da doutrina christã, Lições Moraes e religiosas para uso das escolas de instrucção primaria, Colleção de fabulas de Esopo e de Lafontaine adoptada para leitura das escolas primarias do município neutro, Diccionario das palavras de Cornélio Nepes. (p. 2).

Nos anúncios da Livraria Garnier, como nos da Livraria Universal, na apresentação da obra pelos livreiros, são sempre colocadas expressões relativas ao uso, aprovação, ou autorização do Estado, como, por exemplo: "para uso das escolas primarias", "para uso das escolas de instrucção primaria" e seguem expressões como "autorizado pelo conselho de instrucção publica", "com aprovação do Exmo. Sr. Bispo capelão-mor e do conselho e diretoria da instrucção primaria da província do Rio de Janeiro", ou, ainda, autorizado ou aprovado "pela instrucção publica", "pelos professores de instrucção publica", "pelos collegios da côrte", "adoptada pelo collegio Pedro II", "corrigido e emendado de accordo com os Srs. professores públicos da corte", "obra adoptada pelo conselho director da instrucção primaria e secundaria do município da côrte (...) da província do Rio de Janeiro", "adoptada pelo conselho director da instrucção publica", "obra adoptada nos estabelecimentos públicos de instrucção secundaria", "obra approvada pelo conselho de instrucção publica da corte e adquirida pelo governo imperial para uso das escolas do município da côrte", "disposto segundo o programma do imperial collegio de Pedro II", ou "mandado adoptar no Rio de Janeiro pelo governo imperial".

As recomendações acima, que praticamente seguem todas as obras apresentadas pela Livraria Garnier, sugerem que, por volta do final da década de 60 de Oitocentos, o Estado já detinha um importante papel na chancela relativa à "instrucção" e, ao que parece, ser recomendada pelo poder público, tornava a obra mais digna de credibilidade, fazendo com que os pais, os alunos e professores se interessassem por ela.

Em 1889, há um significativo aumento no número de exemplares de livros oferecidos pelas livrarias da Corte, principalmente no que diz respeito a obras dedicadas às crianças. Os livros infantis aparecem destacados, não só na diversidade de títulos, mas também no lugar que ocupam dentro do anúncio,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

indicando que as crianças já representam um importante setor no consumo do material impresso produzido, ou, ainda, que havia muitos adultos interessados em oferecer ou trabalhar com as obras infantis.

No dia 7 de janeiro de 1889, a Livraria do Povo expõe o seu acervo em anúncio para o público[97], cuja chamada informa "Grande sortimento de livros collegiais, a preços baratissimos, possue a Livraria do Povo". Apresentados na sessão intitulada "Alegria das crianças", aparecem os seguintes livros:

> Obras illustradas com excellentes chromos, a $200 cada uma sendo: Quadrúpedes, Os carinhos de Jairo, Trajedias comicai, Depois de tudo, Aventuras de Robinson Crusoé, Das pequenas industrias, A lâmpada maravilhosa, Historias, Lúcia e Jorge, Os prazeres do campo, Joana e Germana, A feira. Os viajantesinhos, Historia de José, Paixão do Senhor, Parábolas, Historia de David, Milagres de Jesus Christo, O Natal, Moysés, O barba azul, Alli-Baba e os quarenta ladrões, Margarida, Aventuras de Gulliver e O carrapatinho. (p. 3).

Adiante, anunciados na mesma coluna, exemplares para crianças vendidos a $300 cada um:

> Os desastres de Mauricio; Um mez na casa de meu tio; Lições de avozinho; Mario Temerário; Os brinquedos da avozinha; Bento o cabeça de vento; Os dois primos; Antonio; Georgina e sua boneca; José Telhado; O passeio de Paulo no campo; Os divertimentos no inverno; Doutor Bravo; Um dia bem aproveitado; A justiça; A educação do menino; Uma reunião em casa de Josephina; Historia das feras; Os macacos e roedores; Os reptis; As galinhas e suas raças; O útil e o agradável; Papagaios e borboletas; A capa vermelha; A bella adormecida no bosque; A gata borralheira; O barba azul; Aladim ou a lâmpada maravilhosa; A pata dos ovos de ouro; O novo Gulliver; Aventuras de Robinson Crusoé, a bela e a fera e outros. (p. 3).

Outros jornais e revistas também publicavam o acervo literário à venda nas livrarias da Corte, como é o caso da *Revista Sul Americana*[98], em circulação durante os anos de 1888 e 1889.

Na *Revista Sul Americana,* no ano de 1888, encontravam-se listados, na seção de anúncios, os livros "collegiaes", à venda na Livraria Clássica, pertencente a Alves & Comp., localizada na rua Gonçalves Dias, nos números 46 e 48:

[97] Cf. *Jornal do Comércio*, 07/01/1889, p. 3.
[98] *Revista Sul Americana: bibliographia brasileira.* Rio de Janeiro. Typ. Camões, 1888-1889.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

> Obras didacticas de Hilário Ribeiro: (...) Série educativa: Cartilha nacional, ensino simultâneo de leitura e escripta; Scenario infantil; Na terra, no mar e no espaço; Pátria e dever, elementos de educação cívica e moral; Fabulas imitadas d'Esopo e La fontaine; Livro da infância; Livro de adolescência; Primeiro livro de leitura graduada; Segundo livro de leitura graduada; A B C da infância, primeira collecção de cartas para aprender a ler; Cartilha maternal, por João de Deus; Deveres dos filhos, por João de Deus; Noções da vida prática, por Felix Ferreira; Noções da Vida Doméstica, por Felix Ferreira; Escripta; Lições de cousas animadas e inanimadas, por Zaluar; Lições de cousas usuaes para criança de 5 a 8 annos; Lições de cousas, guia para uso dos professores e aspirantes no magistério; Cathecismo da doutrina christã; Compenaio de historia sagrada; Diurnal da mocidade christã; Cartilha ou compendio da doutrina christã; Doutrina christã, lições em forma de cathecismo, adoptadas para o ensino da religião catholica do Imperial collegio D. Pedro II. (ano I, n. 17, p. 271).

Além desse e de outros anúncios, havia na *Revista Sul Americana,* em 1889, uma lista de livros à venda no *Centro Bibliographico,* situado, também, na rua Gonçalves Dias, no número 41. Chama a atenção, nesse anúncio, o fato de que, com exceção do livro *Primeiras lições de coisas traduzidas de Calkins* de Ruy Barbosa, todas as outras 48 obras anunciadas são publicações francesas, com assuntos relativos à educação e à instrução, como por exemplo: "L'hygiene et l'éducation dans les internats; L'étudiant d'aujourd'hui; L'école; Manuel général de l'instruction primaire; Du rôle de la famille dans l'education; Les dons du jardin des enfants; Hygiéne et education; L'education dês filles", etc..

É notória, a partir da segunda metade de Oitocentos, a mudança que vai ocorrendo no conceito de livros colegiais. Dos compêndios, catechismos, doutrinas, manuais e lições constantes desde 1849, quando, além destes, apenas as fábulas eram aceitas para a educação de crianças e jovens, no final da década de 80, já há uma grande diversidade de títulos que indicam uma literatura voltada para o entretenimento, para a fantasia, permitindo supor mudanças no conceito de literatura pedagógica e, pode-se afirmar, no próprio conceito que abrangeria a educação.

De maneira geral, as obras utilizadas ou publicadas no século XIX, para serem usadas na educação de meninos e meninas, tanto nas escolas e colégios, como nas Casas, guardavam semelhanças relacionadas à própria cultura educacional de cada época. No entanto, enquanto algumas eram consideradas obras clássicas, escritas muito antes do século em questão, outras apresentavam traços de vanguarda, demonstrando que a educação modificava-se não apenas no âmbito em que ocorreria, mas, principalmente, na forma em que passava a ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA

entendida, distanciando-se dos modelos de manuais essencialmente destinados à educação doméstica, para compêndios direcionados à escola, ou seja, rompendo com a esfera privada doméstica e aproximando-se da esfera pública estatal.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0015646-CA